



Refletindo sobre a língua portuguesa

Você acha chato estudar a língua portuguesa? Muitos pensam que o estudo se resume apenas à gramática. Mas não é bem por aí. Descubra como a língua portuguesa pode ser interessante no texto de Ataliba de Castilho.

Ataliba T. de Castilho (USP, CNPq)

Primeiras perguntas

- Por que estudar a língua portuguesa normalmente é tão chato?
- O único jeito de estudar a língua portuguesa é estudar a gramática, não tem outro jeito não?
- Por exemplo, eu gosto de bater papo. Em português. Não dá para aprender alguma coisa sobre a língua portuguesa observando como a gente bate-papo? Falando nisso, que palavrinhas são aquelas que sempre aparecem numa conversa, como *ahn... ó... bom... seguinte:...* O que é isso?
- Já me explicaram que enquanto conversamos estamos criando um texto, mesmo sem perceber. Quais são os processos de criação de um texto?
- Já notei que o assunto do texto ora avança, ora “empaca”, e a gente começa a se repetir, a repisar o que já foi dito. Por que isso acontece?
- Também reparei que de repente um assunto que estava sendo debatido é jogado fora e se começa outro. Isso é normal?
- Parece que o texto é também um montão de sentenças. Existe alguma relação entre o texto conversacional e as sentenças que aparecem nele? Nesse caso, me explique o que é uma sentença, quais são suas partes e tipos.
- Falando em sentença, sempre gostei de ficar procurando o Sujeito oculto. É que às vezes o Sujeito oracional brinca de esconde-esconde. O quê, verbo e complemento também se escondem? Mas que coisa, hein?!
- E chegando aos finalmentes, qual é o recado que vocês do Portal da Língua Portuguesa estão querendo nos dar? Quê poderia eu fazer, se ficar com cara de “quero mais” ?

Índice

1. [Premeditando o breque: estudar a língua é ficar estudando sua gramática?](#)
2. [Trocando em miúdos: o que vem a ser então refletir sobre uma língua?](#)
 - 2.1 [Descrever a língua](#)
 - 2.2 [Historiar uma língua](#)
 - 2.3 [Explicar uma língua](#)
3. [Estudando conversas. Ou, o único jeito de refletir sobre a língua portuguesa é ficar estudando a gramática? Não tem outro jeito não?](#)

- 3.1 [Transcrevendo conversacionalmente uma entrevista](#)
- 3.2 [Analisando os turnos conversacionais e seu gerenciamento pelos falantes](#)
- 3.3 [Observando o sistema de correção conversacional](#)
- 3.4 [Pegando os marcadores conversacionais pelo pé](#)
4. [Estudando o “texto falado”. Ou: enquanto conversamos estamos criando um texto, e nesse caso, quais são os processos de criação de um texto?](#)
 - 4.1 [Transcrevendo textualmente uma entrevista](#)
 - 4.2 [Propondo a Unidade Discursiva como a unidade do texto](#)
 - 4.3 [Analisando o núcleo da UD: o lance dos tópicos conversacionais](#)
 - 4.4 [Seria possível encontrar nas UD's traços dos tipos textuais “descrição – narração – dissertação”?](#)
 - 4.5 [Que se aprende observando o comportamento dos Marcadores que funcionam como conectivos textuais, situados entre uma UD e a outra?](#)
5. [Já notei que num texto o assunto ora avança, ora “empaca”, e a gente começa a se repetir, a repisar o que já foi dito. Será que repetir o assunto está errado?](#)
 - 5.1 [A Repetição](#)
 - 5.2 [A Paráfrase](#)
6. [Também reparei que de repente um assunto que estava sendo debatido é jogado fora e se começa outro. Por que isso acontece?](#)
 - 6.1 [A Digressão](#)
 - 6.2 [Os Parênteses](#)
7. [Parece que o texto é também um montão de sentenças. Nesse caso, que características do texto conversacional vão aparecer na sentença? E o que é uma sentença, afinal?](#)
8. [Analisando o núcleo da sentença: o papel do verbo](#)
 - 8.1 [Escolha do verbo](#)
 - 8.2 [Como o verbo organiza a sentença](#)
 - 8.3 [Tipologia das sentenças fundamentada na atuação do verbo](#)
 - 8.3.1 [Sentenças simples não argumentais](#)
 - 8.3.2 [Sentenças simples monoargumentais](#)
 - 8.3.3 [Sentenças simples biargumentais](#)
 - 8.3.4 [Sentenças simples triargumentais](#)
 - 8.4 [Escondendo o verbo na sentença](#)
9. [Analisando o Sujeito](#)
 - 9.1 [Classes de preenchimento da função de Sujeito](#)
 - 9.2 [Ordem de colocação do Sujeito](#)
 - 9.3 [Omissão do Sujeito](#)
10. [Os complementos](#)
 - 10.1 [Classes de preenchimento dos complementos](#)
 - 10.2 [Ordem de colocação dos complementos](#)
 - 10.3 [Omissão dos complementos](#)
11. [Os Adjuntos](#)
 - 11.1 [Adjuntos adnominais](#)
 - 11.2 [Adjuntos adverbiais](#)
12. [Chegando aos finalmentes](#)
13. [Novas perguntas \(bibliografia\)](#)

1. Premeditando o breque: estudar a língua é ficar estudando sua gramática?

Quero começar este texto lembrando uma passagem bem humorada de Mário Perini. Ele diz em um de seus livros mais ou menos o seguinte:

Se você é uma pessoa indagativa, que gosta de descobrir coisas, tenho uma ótima notícia: a gramática não está pronta! Agora, se você é uma pessoa que só quer respostas prontas, e não quer refletir, tenho uma péssima notícia: a gramática não está pronta!

As afirmações de Perini descrevem muito bem os objetivos do Portal da Língua Portuguesa. Não estamos aqui para transmitir regras prontas, às quais você deve obedecer sem pensar. É isso que tem feito do ensino do Português uma coisa chata.

Também não estamos aqui para esconder de você uma das boas coisas dessa nossa curta vida: fazer perguntas sobre a língua, obter respostas, formular novas perguntas, e assim por diante. Construir projetos, viver! Enfim, não embarcaremos nessa de ficar dando respostas a perguntas que não foram feitas.

Também queremos mostrar-lhe que refletir sobre a língua é fazer ciência. E fazer ciência, é formular perguntas, procurar as respostas, redigir o que se encontrou, numa palavra, conhecer! Podes crer, esse é um excelente ofício, para o qual te estamos convidando. O nosso lance – que esperamos seja também o seu – é problematizar tudo!

O primeiro passo para investigar a língua – como para investigar qualquer outro assunto – é a curiosidade, é a vontade de indagar. É disso que Perini está falando em seu texto acima. Sobre esse primeiro passo assenta todo o conhecimento humano, e neste Portal estamos te convidando a engrossar o time dos perguntadores. Estamos aqui para assisti-lo na problematização da língua.

Começemos por pensar um pouco sobre as passos necessários a isso e sobre as atitudes que podemos tomar com respeito ao estudo de nossa língua. Vamos pensar um pouco na metodologia.

Pelo menos cinco passos são necessários para o estudo da língua: (1) formular perguntas, (2) dispor de materiais para o estudo (3) levantar nesses materiais os exemplos de interesse para a pergunta formulada, (4) analisar esses exemplos e redigir um texto, (5) comparar os resultados obtidos com aqueles dos que nos precederam neste ofício. Fica por sua conta acrescentar um sexto passo: (6) disponibilizar seu texto neste Portal, para que outras pessoas possam debater seus achados.

De todo modo, qualquer reflexão pode se desenvolver em pelo menos dois graus de aprofundamento: a pesquisa ingênua, no sentido técnico de “pesquisa intuitiva”, e a pesquisa teoricamente orientada, no sentido de que agora as perguntas são formuladas a partir de uma teoria linguística previamente escolhida.

No que se segue, são dadas algumas dicas para uma pesquisa ingênua, inspiradas de todo modo na abordagem funcionalista*, visto que é impossível pesquisar sem que tenhamos nos fundamentado numa teoria, seja de forma branda, como neste caso, seja de forma estrita, como poderá vir a ser seu caso.

Nas perguntas que finalizam este texto são dadas outras tantas dicas, supondo-se porém que você tenha escolhido uma teoria sobre a língua. Qual delas? Não vem que não tem! Uma teoria específica não é coisa que se recomende. Cada um adota a que melhor responde à sua curiosidade, e essa é uma escolha muito pessoal. Portanto, quando quiser pesquisar com mais exigência, leia textos introdutórios sobre as teorias estruturalista*, gerativista* e funcionalista*, escolha a sua, aprofunde sua preparação e vá aos dados.

Para o passo (1), nada melhor que já dispor de uma pergunta ou, se não for o caso, ler os textos publicados no vínculo 3 deste Portal, os quais fervilham de perguntas. Escolha aquela ou aquelas que te interessarem.

Para o passo (2), que é tecnicamente falando dispor de um corpus linguístico*, você pode organizar um corpus próprio. Os dados lingüísticos estão por toda parte, nas manifestações orais familiares ou públicas, nas realizações escritas de um relatório, de uma notícia de jornal, ou de um poema altamente elaborado. Como dizia Fernando Tarallo, “o dado é dado”, você não precisa pagar nada. É só sair por aí colecionando recortes de jornais ou revistas, ou gravando entrevistas e depois transcrevendo-as. Mas se quiser saltar esta fase, não vamos brigar por isso, navegue pelo vínculo 2 deste Portal, e escolha no “Corpus Internacional da Língua Portuguesa” os textos que quiser.

Para o passo (3), recomendamos que você pacientemente recolha em fichas próprias os exemplos que for encontrando em seu corpus. Entenda por ficha uma folha de caderno ou de papel sulfite cortada ao meio. Para cada fato, preencha uma ficha com o exemplo encontrado. Não pule nenhum dado – às vezes, aquele menos frequente é justamente o que pode encerrar a chave do que você está procurando! Mas se você é bom em computação, organize um banco eletrônico de dados e esqueça as fichinhas.

Para o passo (4), classifique os exemplos em categorias, quantifique-os, e investigue que respostas eles podem dar às suas perguntas. Não se incomode se você achar mais de uma resposta. É próprio das línguas naturais, ou seja, daquelas que aprendemos em nossa infância, serem ambíguas, serem complexas, serem variadas. Só as linguagens artificiais, como a do computador, são absolutamente exatas. Agora você já está pronto para escrever um texto com as suas descobertas. Este pode ser um momento meio complicado, pois na verdade os dados são mudos, eles não falam nada. Quem vai falar sobre eles será você. Para lidar com esse problema, como já se disse anteriormente, talvez você precise iluminá-los por meio de alguma teoria linguística. Uma teoria é um ponto de vista que formulamos previamente sobre a língua. Cada ponto de vista investiga um conjunto de aspectos da língua. Nenhuma teoria por si só dá conta da enorme e divertida complexidade de uma língua. Para se instruir sobre esta questão, leia no vínculo 1 o texto “Que se entende por língua e linguagem?”. Você encontrará ali as teorias linguísticas mais difundidas, tais como o Estruturalismo*, o Gerativismo*, o

Funcionalismo*, e outras mais. Escolha a que melhor o tiver motivado, pois sem motivação não há pesquisa que agente.

Para o passo (5), compare o que você escreveu com o que outros escreveram em gramáticas e em manuais de linguística. Veja o que os seus “coleguinhas” andaram falando sobre o seu assunto. Verifique se as respostas deles te deixaram convencido.

2. Trocando em miúdos: o que vem a ser então refletir sobre uma língua?

Refletir sobre uma língua é escolher uma das seguintes atitudes... ou escolher todas, uma de cada vez, dependendo do apetite intelectual de cada um.

2.1 – Descrever a língua

Descrever a língua é caracterizar uma questão originária de algum de seus domínios. É isso que estamos propondo neste texto. Vamos pegar alguns dados, formular perguntas, achar as respostas e fazer um texto sobre nossos achados. Nosso trabalho será o retrato de algum estado de língua, de alguma variedade linguística*.

Perguntas de caráter descritivo agrupam-se em geral no interior de um dos quatro subsistemas linguísticos:

- *Léxico*: conjunto de traços semântico-cognitivos reunidos nas palavras, que serão realizados no vocabulário da língua seja como um Substantivo, um Artigo, um Verbo, um Adjetivo, um Advérbio, uma Conjunção ou uma Preposição. Quando adquirimos o Léxico, provavelmente adquirimos em primeiro lugar esses traços e a habilidade de combiná-los em diferentes padrões, e em segundo lugar as palavras em que por convenção social esses padrões se abrigam.
- *Semântica*: subsistema linguístico em que se dá a constituição, a alteração e a categorização dos significados. A Semântica compreende as seguintes áreas: (1) Semântica léxica, que estuda o sentido das palavras; (2) Semântica sintática, que estuda as alterações dos sentidos das palavras motivadas por sua combinação com outras palavras; (3) Semântica discursiva, que estuda a emergência de sentidos em contextos conversacionais ou textuais.

- *Discurso*: conjunto das atividades de negociação conversacional em que se envolvem o locutor e o interlocutor (ou o autor e o leitor), através das quais (i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, (ii) se organiza a interação através da elaboração do tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou exteriorizar sentimentos, (iii) se reorganiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros tópicos discursivos, e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários. O produto do Discurso é o texto. O estudo do Discurso compreende as seguintes áreas: (1) Retórica, (2) Análise do Discurso (aquí incluída a Análise Conversacional), (3) Linguística do Texto.

- *Gramática*: estudo das estruturas linguísticas, distribuídas pelas seguintes áreas: (1) Fonética* e Fonologia*: estudo articulatório e acústico dos sons disponíveis em nossa língua e dos padrões de sua organização na sílaba*; (2) Morfologia*: estudo da estruturação das palavras, compreendendo a Morfologia flexional e a Morfologia derivacional; (3) Sintaxe*: estudo das combinações de palavras no interior dos sintagmas, das funções que esses sintagmas recebem do verbo, de sua combinação na oração ou sentença simples, e dos arranjos das sentenças simples no interior das sentenças complexas, vulgo “período gramatical”.

2.2 – Historiar uma língua

Uma vez descrita uma língua – e nenhuma língua do mundo já foi completamente descrita – a próxima curiosidade será nos perguntar como essa língua surgiu no mundo, o lugar e o modo como isso se deu, que sociedade a criou, de que língua derivou, e como têm sido suas transformações ao longo do tempo.

É claro que para historiar uma língua precisaremos conhecer bem sua descrição e a sociedade a que ela serve. Para se dar conta das perguntas mais habituais sobre a história do português, leia os textos “Como as línguas nascem e morrem”, “Como nasceu a língua portuguesa”, “Como se estruturou a língua portuguesa”, “Formação da sintaxe da língua portuguesa”, “Formação do Português Brasileiro”, todos disponibilizados no vínculo 1 deste Portal. Mas não pare por aí, leia também os livros que esses textos recomendaram.

2.3 – Explicar uma língua

Este passo é ainda mais exigente, pois agora vamos fazer grandes interpretações descritivas e históricas de uma língua, ajudados por ferramental teórico e epistemológico. Somente com esta bagagem podemos nos atirar a perguntas tão complexas como: Por que a minha língua é como é? Que se aprende comparando-a com outras línguas? Que tipologia ela exemplifica? Haveria características comuns entre as 6.000 línguas faladas atualmente no planeta?

O texto “Comparando o Português Brasileiro com o Português de Portugal”, disponibilizado no vínculo 1, explora uma das perguntas acima.

E agora, uma última questão, antes de começarmos a descrever uma parte da língua portuguesa: como poderíamos desenvolver um plano sistemático de reflexões sobre a língua portuguesa?

Bom, não há uma resposta única a essa pergunta. Afinal, as línguas representam um dos mais complexos produtos da mente humana. Só que antes de tudo precisaríamos combinar previamente o que vamos entender por língua.

Parece adequado afirmar que a língua é um sistema complexo formado por quatro subsistemas, o Léxico, o Discurso, a Semântica e o Discurso, governados por um dispositivo sociocognitivo, sumariamente caracterizados atrás. Um plano sistemático de reflexões implicaria em fazer perguntas ordenadas no interior de cada um desses subsistemas. Para mais detalhes, leia a seção 4 do texto “O que se entende por língua”.

Você notará que todo o vínculo 3 foi organizado à volta desses quatro domínios, tendo-se também acrescentado perguntas sobre a literatura. Ou seja, para organizar o Portal da Língua Portuguesa foi preciso dispor de um entendimento sobre o que é a língua.

Neste texto, vou propor um plano que implica em ir do Discurso (entendido simplificadamente como a conversação), passando pelo Texto (que integra igualmente o Discurso), até chegarmos à Gramática (entendida simplificadamente como um

conjunto de categorias lexicais e de construções promovidas por esses itens). Esse é um modo interessante de descrever a língua, pois ele parte do que mais fazemos na vida: conversar.

Então, vamos lá!

3. Estudando conversas. Ou, o único jeito de refletir sobre a língua portuguesa é ficar estudando a gramática? Não tem outro jeito não?

Resposta à primeira pergunta: Não. Resposta à segunda pergunta: Tem. Vejamos agora que jeito será isso.

Comece a refletir sobre sua língua observando como conversamos. A conversação é uma atividade lingüística básica. Ela integra as práticas diárias de qualquer cidadão, independentemente de seu nível sócio-cultural. A conversação representa o intercurso verbal em que dois ou mais participantes se alternam, discorrendo livremente sobre tópicos propiciados pela vida diária, *"fora de ambientes institucionais como o serviço religioso, as audiências de um tribunal, as salas de aulas, etc."*: Levinson (1983: 284). Como assinala o Prof. Marcuschi, autor do primeiro livro em língua portuguesa sobre o assunto, *"a conversação é a primeira das formas da linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora"*: Marcuschi (1986: 14).

Os materiais conversacionais são abundantes e gratuitos. Começar por eles as observações sobre o funcionamento e a estrutura do Português é criar as condições para que prestemos mais atenção ao mundo que nos cerca, abortando-se a velha tradição de acenar para realidades longínquas, inacessíveis, que produzirão em todos nós um irremediável desinteresse pelas "coisas da escola." Nada mais natural, portanto, que começar pela conversação nossas reflexões sobre a língua portuguesa!

Como a condição prévia, fundamental, para que haja conversação é a de que duas ou mais pessoas manifestem a intenção de entrar em contacto, segue-se que a conversação

fica sujeita ao princípio geral da cooperação, e *"cada participante reconhece um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita"*: Grice (1967: 86). Bom, até aí morreu Neves.

Ao verificar os mecanismos de produção da conversação, poderemos formular perguntas do tipo: (i) o que leva as pessoas a conversarem ? (ii) quais são as rotinas estabelecidas em nossa cultura para a condução de uma conversa ? (iii) como se estabelece o jogo interpessoal no interior da conversação, isto é, quais são as regras sociais observadas nas práticas de alternância dos turnos conversacionais ? (iv) como se elabora o assunto na conversação ? (v) que materiais lingüísticos são empregados habitualmente nas estratégias de iniciar, manter ou encerrar uma conversa ? (vi) quais são os "esquemas de poder" exemplificados pelos parceiros de uma conversação, nas táticas da argumentação e do convencimento ? (vii) quais são os tipos de conversação?

Para responder a estas e a outras questões, precisaremos dar um conjunto de passos.

O primeiro passo será gravar uma conversação livre, surpreendida em nossa família, no ambiente de trabalho, no clube, onde seja. A gravação poderá ser "secreta", se Você puder fazer o registro sem que as pessoas se dêem conta disso. Por uma questão de ética, você deve depois tocar a fita para que elas ouçam, indagando se autorizam seu uso nas suas atividades de pesquisa. Mas uma boa gravação não precisa necessariamente ser uma gravação secreta. Reunindo dois amigos, pode-se conduzir uma entrevista de tal forma que eles fiquem à vontade e falem com naturalidade. Se você notar que no começo eles não estavam à vontade, pule esse trecho em sua análise, pois é na linguagem coloquial que aparecem os fatos mais interessantes para a investigação. Escolha assuntos que motivem seus entrevistados: narrativa de experiências individuais marcantes (um desastre, algum fato da biografia dos entrevistados), rotinas familiares e no trabalho, eventos que acontecem em escolas, clubes, igrejas, prática de esportes, etc.

O segundo passo será transcrever a conversa gravada, pondo no papel todas as peculiaridades da conversação, em geral "filtradas" pelo nosso ouvido, e das quais

temos uma consciência escassa: alongamentos vocálicos e consonantais, pausas, hesitações, truncamentos, mudanças de tessitura, superposição de vozes, etc. Você pode beneficiar-se, neste particular, da experiência do "Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Lingüística Culta" (Projeto NURC). Entre 1970 e 1976, lingüistas brasileiros ligados a esse Projeto levantaram uma enorme quantidade de materiais falados nas cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Amostras desses materiais foram publicadas em São Paulo (Castilho-Preti Orgs. 1986 e 1987), Rio de Janeiro (Callou Org. 1992, Callou-Lopes Orgs. 1993 e 1994), Salvador (Motta-Rollemberg Orgs. 1994), Recife (Sá-Cunha-Lima-Oliveira Jr. Orgs. 1996) e Porto Alegre (Hilgert 1997). Tratando-se de entrevistas com adultos de formação universitária, esses materiais poderão ser objeto de comparações com a linguagem de pessoas de nível escolar fundamental e médio.

Leia agora uma transcrição conversacional pertencente ao Projeto NURC-SP, em que duas senhoras falam sobre televisão e sobre as variedades de pronúncia do português nesse meio de comunicação. A sigla "Doc" quer dizer "documentador", "L1" é o primeiro locutor, e "L2", o segundo. O texto completo da entrevista foi publicado em Castilho-Preti (Orgs. 1987: 234-235). Os números em negrito correspondem à numeração das linhas adotadas nas transcrições, para facilitar a remissão aos dados.

Exemplo 1: transcrição conversacional do inquérito D2 333 do Projeto NURC-SP.

Tipo de inquérito: diálogo entre dois informantes (D2). *Duração:* 57 minutos. *Data do registro:* 07/04/76.

Tema: Cinema, TV, rádio e teatro. *Locutor 1:* Mulher, 60 anos, viúva, jornalista, paulistana, pais paulistanos, (Inf. 419). *Locutor 2:* Mulher, 60 anos, viúva, escritora, paulistana, pais paulistanos, (Inf. 420).

Doc. 1 gostaríamos que dessem as suas opiniões a respeito de televisão ...

L1 olha I. ... eu ... como você sabe ... u:: ma pessoa um diretor lá da Folha ... certa feita me chamou ... e me incumbiu de escrever sobre televisão ... o que me parece é que na ocasião ... quando ele **5** me incumbiu disso ... ele pensou ... que ele ia:... ficar em face de uma recusa ... e que eu ia ... esnoBAR ((ri)) -- agora vamos usar um termo ... que eu uso bastante que todo mundo **10** usa muito - - eu iria esnobar a televisão ... como todo intelectual realmente esnoba ... mas acontece... que eu já tinha visto durante muito tempo televisão... porque:: houve uma época na minha vida que a literatura:: me fazia prestar muita atenção ... e eu queria era uma fuga **15** então a minha fuga ... era me deitar na cama ... ligar o:: receptor e ficar vendo ... ficar vendo ... e:: aí eu comecei a prestar atenção naquela tela pequena ... vi ... não só que já se fazia muita coisa boa e também muita coisa ruim é claro ... mas:: vi também todas **20** as possibilidades ... que aquele veículo ... ensinava e que estavam ali laTENtes para serem aproveitados ... agora voCÊ ... foi dos tempos heróicos ... da mencionada luta

L2 eu estava na Tupi trabalhando como:: ... funcionária **25** da Tupi ... da rádio ... Tupi ... quando foi lançada a primeira ... (primeira) televisão ... de modo que eu vi nascer propriamente a ... televisão ...

LI [vinte e cinco anos né?

L2 é () eu ... eu vi nascer ... eu estava lá ... ah ... **30** todo momento né? e::: uma coisa que eu gostaria de::... lembrar a você justamente a respeito de linguagem ... é o seguinte que eu noto ... que muito paulista fica um pouco chocado ... com o linguajar carioca ... com os esses e os erres do carioca ...

LI [**35** sibilados ...

L2 que eram justamente um dos... um dos defeitos muito grandes do rádio ... daquele tempo que era ... quando:: um::... locutor ia fazer um teste ... o::... o chefe dizia a ele ... "diga aí os ef/ os esses e os **40** erres" ... esse era o teste

LI é ...

L2 para saber se ele tinha:: ... boa dicção para falar em rádio... não é? então ele caprichava ... é isso que o Chico Anísio está ... ah ah ah ... caçoando ...

45 LI é

L2 no programa dele ...

LI no programa dele

L2 do Chico Anísio ... não é? ele ... ca/ eh ... eh ... ele inSISte... DORme em cima dos esses e dos erres né?

50 LI dos erres ... ahn

L2 e ... mas eu noto que agora ... sobretudo na nossa família que nós temos muita preocupação ... da da linguagem simples e da linguagem:: ... correta

LI [exata

55 L2 é ... exata ... nós ficamos um pouco chocados com o esse e o erre exagerados dos cariocas

LI [dos cariocas

L2 que são mesmo um preciosismo inútil né?

LI é:: e agora como o que domina o mercado é a Globo ... e **60** os estúdios da Globo... estão no no Rio ... isto faz com que ... até os paulistas que vão para o Rio ... os artista paulistas que estão lá ...

L2 [adotam ...

LI eles começam a adoTAR ... para não ficar diferente... **65** e:: uma vez:: que::... nós estamos aqui dando um depoimento sobre esse aspecto da linGUAgem ... eu já enfoquei na nas minhas crônicas da Folha ... a pedra no caminho que é a:: a pronúncia tão diferente ... e mesmo ... a maneira de falar as singularidades que **70** tem cada região ... do país ... e e e que ... como isso constitui numa PEdra no caminho quando é passado em termos de arte cênica ... e no caso televisão uma vez que a televisão vai para o Brasil inteiro não é? ... ar/ as redes ...das grandes emissoras cobrem o Brasil inteiro ...**75**... então

...vo/ -- não sei se vocês acompanharam a polêmica em torno de Gabriela ... Gabriela ... ah ... jornais baianos:: ... não é? éh :: fizeram ... editoriais ...a respeito de Gabriela ... indignados porque ... é é que aquela baiaNIce que se falava ... lá não era **80** absolutamente

L2 [artificial

LI a maneira como o baiano falava ... depois ao correr da novela ... eu tenho a impressão que eles foram aparando essas arestas ... mas a verdade é esta ... é no no

85... por exemplo ... se ... estão gravando agora este ... está passando está passando agora em São Paulo O Grito não é? no Brasil todo aliás O Grito de Jorge Andrade que é um excelente autor um autor paulista ... pois bem ... uma grande atriz que é a Maria Fernanda ... faz uma **90** paulista de quatrocentos anos eXAtamente com a linguagem que você assinalou ... de esses sibilantes como cobras ... que Maria Fernanda tem todos aqueles cacoetes de linguagem ...

L2 [[ela nunca morou aqui não é?

95 LI de uma carioca é

L2 Maria Fernanda nunca morou em São Paulo ?

L1 [e é uma grande atriz ... então choca demais aquela paulista quatrocentona que ele faz bem griFado ...aliás de uma maneira um pouco ... calcada 100 demais porque esse tipo acho que já se diluiu nem existe mais ... mas ... fica fica muito falso ver-se então ... uma paulista ... éh:: que faz questão de morar:: na casa em que moraram seus ancestrais ...embora seja na borda do Minhocão ... ela faz questão ...porque 105 foi ali que os pais moraram por sinal então muito conservadora falando como uma carioca com esses sibilantes...então isso é uma PEdra ... que eu vejo no caminho ...nosso ... e::... não sei como isto será resolvido... eu acredito que será louvável o empenho do 100 governo...numa Unificação pelo menos de pronúncia ... mas que deveria de começar na escola primária não é ? ensinar dicÇÃO ... na escola primária e de uma certa forma unificada

Os segmentos acima exemplificam uma conversa gravada com o conhecimento das locutoras, o que cria habitualmente certa formalidade. Isso explica a extensão maior das intervenções, certa elaboração do assunto, e um contido apetite na tomada dos turnos. Mesmo assim, numa tipologia aproximativa, poderíamos considerá-los como representativos de uma conversação natural. Entende-se por isso tanto a conversação formal ou assimétrica, quanto a conversação informal, coloquial ou simétrica. Por contraste com isso, temos a conversação artificial, como aquelas desenvolvidas em peças de teatro, novelas, filmes, romances, etc., as quais "seguem algum tipo de script ou roteiro prévio, com simulações simplificadoras": Marcuschi (1986: 13).

O exemplo 1 corresponde a uma conversação natural formal, visto que (i) não segue nenhum roteiro previamente preparado, (ii) são conduzidas pelo entrevistador, numa situação comum aos hábitos das pessoas que vivem em comunidades urbanas.

Uma característica muito saliente da conversação natural é sua imprevisibilidade. Ao longo de uma conversação, tomamos decisões ao mesmo tempo em que a estamos executando. Cunhou-se a expressão "atividade administrada passo a passo" para explicitar essa peculiaridade do texto conversacional. Falamos sempre a determinado interlocutor, a partir de determinados pressupostos (i) sobre o interlocutor, (ii) sobre o assunto, (iii) sobre a imagem que supomos que o interlocutor tenha de nós e do assunto, (iv) sobre a imagem que ele supõe que tenhamos feito a seu respeito, depois que o vimos posicionar-se a respeito do assunto: Ozakabe (1979). Construimos nossa participação numa conversa a partir da recolha e da análise dessas informações, numa atividade automática. Por outro lado, monitorando os resultados de nossa atuação,

planejamos as próximas intervenções, de tal sorte que cada turno "administra" o turno subsequente, numa atividade autoconstrutiva, extremamente dinâmica.

3.1 – Transcrevendo conversacionalmente uma entrevista

Observando a forma de apresentação do texto acima, nota-se que foram tomadas algumas decisões sobre a transcrição da fita em que a conversação tinha sido gravada. Essas decisões partem de uma indagação que se está fazendo a propósito desses materiais: como se estruturam as conversações? O Projeto NURC/SP respondeu a essa pergunta com as seguintes "Normas para transcrição":

Quadro 1: critérios de transcrição adotados pelo Projeto NURC

<i>OCORRÊNCIAS</i>	<i>SINAIS</i>	<i>EXEMPLIFICAÇÃO</i>
<i>Incompreensão de palavras ou segmentos</i>	()	<i>do nível de renda... () nível de renda nominal...</i>
<i>Hipótese do que se ouviu</i>	<i>(hipótese)</i>	<i>(estou) meio preocupado (com o gravador)</i>
<i>Truncamento</i>	/	<i>e comé/ e reinicia</i>
<i>Entoação enfática</i>	<i>Maiúsculas</i>	<i>porque as pessoas reTÊM moeda</i>
<i>Alongamento de vogal ou consoante s, r</i>	:: ou :::	<i>ao emprestarem os...êh:: o dinheiro</i>
<i>Silabação</i>	-	<i>por motivo tran-sa-ção</i>
<i>Interrogação</i>	?	<i>o Banco Central... certo ?</i>
<i>Qualquer pausa</i>	...	<i>são três motivos... ou três razões</i>
<i>Comentários descritivos</i>	<i>((minúsculas))</i>	<i>((tossiu))</i>
<i>Comentários do locutor que quebram a seqüência temática; desvio temático</i>	-- --	<i>a demanda da moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo</i>
<i>Superposição, simultaneidade de vozes</i>	[ligando linhas	<i>A. na casa da sua irmã ? [sexta-feira ?</i>
<i>Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos</i>	" "	<i>Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...</i>

[Reproduzido de Castilho-Prete (Orgs. 1987: 9-10)]

As normas reproduzidas no Quadro 1 indicam como registrar todas as marcas da oralidade contidas na entrevista, passíveis de fornecer respostas às perguntas abaixo formuladas. É evidente que a mera leitura da transcrição não basta, e o ideal é ouvir a fita respectiva, depositada na Disciplina de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo e no Centro de Documentação Alexandre Eulálio, da

Universidade Estadual de Campinas. Acho importante ressaltar que Você não deve ir logo adotando essas normas. O melhor será ouvir várias vezes uma fita, examinando livremente as características da fala de seus amigos, recolhidas na entrevista sob análise. Convencione, depois, como anotá-las, organizando suas próprias normas.

Feita a entrevista e tendo-a transcrita, agora você começa a pesquisar uma conversa, formulando suas perguntas e saindo atrás das respostas. Pode ser que você precise de estímulos para tocar sua pesquisa. Nesse caso, leia Marcuschi (1986) e Castilho (1998, cap. I). Seguem-se algumas perguntas:

3.2 – Analisando os turnos conversacionais e seu gerenciamento pelos falantes

Observe o que o falante que inicia a conversa teve de fazer, para tomar a palavra. Depois, verifique como o ouvinte se esforça para entrar no papo, e que estratégias ele precisou desenvolver para evitar que o primeiro falante ficasse falando a vida inteira. Será que às vezes um falante passa espontaneamente a palavra ao seu interlocutor? Se isso aconteceu, como ele se comportou para que sua intenção fosse percebido pelo parceiro de papo?

3.3 – Observando o sistema de correção conversacional

Observe no exemplo 1 que habitualmente as pessoas corrigem o que estavam dizendo, ou corrigem o turno de seu parceiro. Veja bem: aqui não estamos falando de “correção gramatical”, estamos falando de correção nos rumos de uma conversa. Que estratégias linguísticas usamos para corrigir o rumo do papo? Olhe o exemplo acima, olhe as suas transcrições, e ache a resposta.

3.4 – Pegando os marcadores conversacionais pelo pé

Observe agora que no exemplo acima, e na transcrição que você providenciou, são usadas expressões que nunca aparecem num texto escrito, como *ahn...*, *éh...*, *olha...né?*, ou aparecem raramente, como *e então*, *e aí*, *agora...*, *mas...* etc.

Esses são os marcadores conversacionais, que tanto podem ser pré-lexicais como *ahn, éh, ih, oh*, ou lexicais, como *olha, né, então, agora, mas*, etc. Note que alguns deles são voltados para o interlocutor, para testar se ele está acompanhando a conversa (*olha, ó, viu? entende? compreende?*), outros estão orientados para o próprio texto, servindo para indicar que se vai mudar de assunto ou de uma parte secundária do assunto (*agora, então, aí, mas*). Estes últimos podem ser interpretados como conjunções, quando estão ligando sentenças.

Muito bem, feitas algumas análises, você já pode ter-se dado conta de que a conversação é uma vasta área a explorar. Reúna seus amigos e saia por aí gravando. Faça isso em casa, nas feiras livres, nos estádios de futebol. Depois, transcreva a fita, tomando decisões sobre o melhor processo de fixar no papel o que foi dito. Mantendo o mesmo assunto, refaça as conversações, transpondo-as para a língua escrita. Confronte a versão falada com a escrita e pergunte-se a você mesmo quais são as diferenças e as similitudes entre a língua falada e a língua escrita.

Com essas pesquisas, você começou a entender como você mesmo age quando fala ou quando escreve, em situações da vida diária! Planeje diferentes abordagens desses materiais. Para não se perder, estabeleça um plano prévio de explorações. Enriqueça as observações contidas neste capítulo com Marcuschi (1986), Preti-Urbano (Orgs. 1990) e Preti et alii (Orgs. 1993, 1997, 1998, 2000, 2002, 2003), Castilho (1998).

Dispondo de entrevistas transcritas, e tendo estudado suas características, você poderá agora fazer observações de caráter textual, chegando finalmente às questões sintáticas. Ou seja, está na hora de enfrentar outra bateria de perguntas, conscientizando-se de que ao longo de uma conversação estamos criando um texto.

4. Estudando o “texto falado”. Ou: enquanto conversamos estamos criando um texto, e nesse caso, quais são os processos de criação de um texto?

Na seção anterior foram feitas algumas perguntas que permitirão identificar as características da conversação. Análises feitas para o português – inclusive as análises que você poderá fazer - permitem preparar um plano para o estudo do texto:

(1) Os turnos simples e os turnos emparelhados são unidades da conversação, ou seja, são os pontos de vista por meio dos quais podemos descrever essa atividade. Reunindo-se os turnos que tratam do mesmo assunto, poderemos identificar as Unidades Discursivas*, que são as unidades do texto. A cada Unidade Discursiva corresponde um Tópico Conversacional, vulgo assunto. Um texto é uma soma de Unidades Discursivas, reunidas por meio de processos coesivos. Observadas em sua seqüência, as Unidades Discursivas organizam a hierarquia tópica do texto.

(2) O sistema conversacional de correção tem por correspondência no texto os processos de reconstrução, como a repetição e a paráfrase, e os de descontinuação, como a digressão e os parênteses.

(3) Os Marcadores Conversacionais orientados para a organização do texto funcionam como conectivos textuais, que associam as Unidades Discursivas. Muitos desses conectivos ligam também sentenças.

O resumo acima nos fornece um roteiro para o estudo do "texto falado". Vamos a ele! Mas não nos esqueçamos de que há toda uma ciência para o estudo do texto, chamada Linguística do Texto, e será de grande utilidade ler alguns trabalhos sobre o assunto. Para esquentar seu motor, você pode ler aqui mesmo no Portal “Analisando o texto”, e também os livros de Fávero-Koch (1983), Koch (1989), Koch-Travaglia (1989, 1990), Koch (1997).

Você notou na seção anterior que foi preciso tomar algumas decisões metodológicas para obter respostas à pergunta “como as pessoas conversam”? Como agora a pergunta é outra, ou seja, “de que forma as pessoas constroem um texto, enquanto conversam”,

teremos de arranjar outra metodologia, começando por um novo processo de transcrever os dados, um processo tal que desvende a arquitetura de nossos “textos falados”.

4.1 – Transcrevendo textualmente uma entrevista

Vamos entender o texto como o produto de uma interação, que pode ser do tipo "face-a-face", como na língua falada, ou do tipo "interação com um interlocutor invisível", como na língua escrita. De qualquer forma, em nosso uso diário da língua estamos sempre produzindo textos, mesmo sem o saber - como era o caso daquela personagem que não sabia que falava em prosa!

Para produzir textos, ativamos recursos lingüísticos adquiridos na infância: a língua falada em nosso meio familiar, e a língua escrita na escola. Esses recursos se dispõem naqueles subsistemas já referidos: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. Quando Você fala ao telefone, ou no ponto de ônibus, ou quando escreve uma carta, está operando com essa parafernália toda, e ao mesmo tempo. Ou seja, o Português fosse “uma língua difícil” para se falar e nela se escrever, nenhum de nós daria conta de operar com esses subsistemas e sair falando por aí. Ou escrevendo.

Nós apenas não temos consciência dessa capacidade. Aliás, essa perguntação toda aqui tem por objetivo levar-nos a tomar consciência desse nosso conhecimento lingüístico.

Vamos então propor um método de transcrição textual. Essa proposta será o único método disponível na praça? Claro que não, as línguas são suficientemente complicadas para que propostas surjam por todo lado, ninguém é dono desta bola. Aliás, depois de espiar minha proposta, organize você mesmo a sua, afinal você fala esta língua!

Para atingir esse objetivo, voltemos então ao exemplo 1, que “recebeu na pia batismal o lindo nome” de D2 SP 333. Nosso lance agora será dar-lhe uma nova fisionomia gráfica, que evidencie suas propriedades textuais. Essa fisionomia gráfica, naturalmente, decorre de uma hipótese prévia sobre como funcionam os textos falados.

Vamos dividir o papel em três colunas: (i) na Margem Esquerda transcreveremos os Marcadores Conversacionais orientados para o texto, bem como as sentenças irrelevantes para a elaboração do Tópico discursivo, ou seja, sentenças que não estão fazendo progredir o assunto do bate-papo; (ii) na coluna central, ou Núcleo, transcreveremos as sentenças relevantes para a elaboração do Tópico discursivo, e (iii) na Margem Direita transcreveremos os Marcadores Conversacionais orientados para o falante. Assim procedendo, obteremos os seguintes resultados:

Quadro 2: transcrição textual do inquérito D2 333 do Projeto NURC-SP, linhas 1 a 20.

MARGEM ESQUERDA	NÚCLEO	MARGEM DIREITA
(A) <i>Olha l... eu... como Você sabe</i>	(1) <i>u::ma pessoa um Diretor lá da Folha... certa feita me chamou...</i>	
	(2) <i>e me incumbiu de escrever sobre televisão</i>	∅
(B) <i>o que me parece é que</i>	(3) <i>na ocasião... quando ele me incumbiu disso...</i>	
	(4) <i>ele pensou...</i>	
	(5) <i>que ele ia::... ficar em face de uma recusa...</i>	
	(6) <i>e que eu... ia esnoBAR ((ri))</i>	∅
(C) – <i>agora</i>	(7) <i>vamos usar um termo...</i>	
	(8) <i>que eu uso bastante</i>	
	(9) <i>que todo mundo usa muito</i>	∅
(D) ∅	(10) <i>eu iria esnobar a televisão...</i>	
	(11) <i>como todo intelectual realmente</i>	∅
(E) <i>mas acontece que</i>	(12) <i>eu já tinha visto durante muito tempo televisão...</i>	
	(13) <i>porque:: houve uma época na minha vida</i>	
	(14) <i>que a literatura:: me fazia</i>	
	(15) <i>prestar muita atenção...</i>	
	(16) <i>e eu queria era uma fuga...</i>	∅
(F) <i>então</i>	(17) <i>a minha fuga... era deitar na cama...</i>	
	(18) <i>ligar o receptor...</i>	
	(19) <i>e ficar vendo...</i>	
	(20) <i>ficar vendo...</i>	∅
(G) <i>e:: aí</i>	(21) <i>eu comecei</i>	
	(22) <i>a prestar atenção naquela tela pequena...</i>	
	(23) <i>vi...</i>	
	(24) <i>não só que já se fazia muita coisa boa</i>	
	(25) <i>e também muita coisa ruim</i>	<i>é claro</i>
(H) <i>mas</i>	(26) <i>vi também todas as possibilidades...</i>	
	(27) <i>que aquele veículo ensejava</i>	

	(28) e que estavam ali laTENTes	
	(29) para serem aproveitados	
(1) agora...	(30) voCÊ... foi dos	Ø

4.2 – Propondo a Unidade Discursiva como a unidade do texto

Para cada recorte de língua precisamos propor uma unidade, começando por ela a nossa descrição. Na seção anterior, escolhemos o Turno como unidade da conversação. Aqui proporemos que a Unidade Discursiva seja a unidade do texto falado. Se estivéssemos descrevendo um texto escrito, já contaríamos com o Parágrafo para funcionar como sua unidade.

No exemplo do Quadro 2, as letras maiúsculas entre parênteses identificam as Unidades Discursivas (UDs), que serão comentadas a seguir. Os números arábicos entre parênteses identificam as sentenças tematicamente centradas. Sempre que deixou de ocorrer um marcador inicial ou final, onde poderia ter ocorrido um, o fato foi anotado com o símbolo [Ø]. Observe que as indicações "L1" e "L2" foram omitidas, pois como o texto falado é construído "a duas mãos", esses sinais se tornam irrelevantes para esta análise. Como vimos, essas indicações se prestam à identificação dos turnos, que são as unidades da Conversação, mas agora não estamos lidando com isso.

Do ponto de vista da teoria da Articulação Tema-Rema*, pode-se reconhecer que o Tema da Unidade Discursiva (A), ou seja, seu ponto de partida, são os Marcadores por meio dos quais a locutora chama a atenção da interlocutora, fazendo ao mesmo tempo um apelo a conhecimentos compartilhados pelas duas sobre o assunto que está sendo elaborado. O Rema, constante de três sentenças, traz os primeiros elementos com que a locutora pretende responder à pergunta que lhe foi formulada a respeito de televisão.

Em (B), o Tema foi uma modalização do Rema, codificada pelo verbo epistêmico "o que me parece [é que]". Marginal na organização do Discurso, esse verbo é central na Sintaxe, pois funciona ali como nucleador de uma sentença matriz, que subordina a encaixada que se segue. Esta pequena observação mostra, uma vez mais, (i) que "o

ponto de vista cria o objeto", e, portanto, um mesmo recorte de língua pode ser analisado de diferentes ângulos, (ii) que não há relações de determinação entre a Gramática e o Discurso, pois o que é importante num subsistema não é importante no outro.

Finalmente, na UD (C), o Tema é organizador textual *agora*, que seqüencia os eventos do texto, situando o que se segue em relação ao que precede. Então ficamos nisto: o Tema textual é a expressão usada para iniciar uma UD, não devendo ser confundido com o Tópico Conversacional, que é o assunto dessa UD; para que uma expressão possa atuar como Tema textual, é necessário que ela tome como escopo as expressões do núcleo.

Se apagarmos os Marcadores discursivos, constantes da primeira e da terceira colunas do Quadro 2, obteremos um recorte muito próximo da língua escrita. Isso mostra a relevância dos materiais aí recolhidos para o entendimento de como funciona a língua falada. Os Marcadores representam, por assim dizer, os andaimes da construção, que é dada pela coluna do meio. Temos portanto uma boa metáfora para a língua falada: ela é um prédio em que se podem surpreender os artefatos usados em sua construção. Muitos desses artefatos são apagados na língua escrita. Uma das conseqüências desta constatação tão simples, é reconhecer que muito da tradição ocidental de reflexão lingüística ficou pela metade, por assentar na língua escrita. Se quisermos responder à pergunta "quais são os processos constitutivos das línguas naturais?", a observação estrita dos registros escritos será limitadora, mas a observação da língua falada será enriquecedora.

Podemos então reconhecer que a UD *"é um segmento do texto caracterizado (i) semanticamente, por preservar a propriedade de coerência temática da unidade maior, atendo-se como arranjo temático secundário ao processamento de um subtema, e (ii) formalmente, por se compor de um núcleo e de duas margens"*: Castilho (1989: 253). A cada Tópico Conversacional corresponde uma UD, que é sua manifestação formal.

Agora que você entendeu o que é uma UD, faça outras perguntas, após ter transcrito textualmente uma conversaço:

- (1) Que se aprende analisando o núcleo da UD?
- (2) Entendendo que descrição, narraço e dissertaço são tipos textuais, seria possível encontrar nas UDs traços desses tipos textuais?
- (3) Que se aprende observando o comportamento dos Marcadores que funcionam como conectivos textuais, situados entre uma UD e a outra?
- (4) Haveria uma “gramática”, ou seja, uma regularidade na colocaço dos Marcadores nas margens das UDs?

Vamos analisar o texto falado a partir dessas perguntas.

4.3 – Analisando o núcleo da UD: o lance dos tópicos conversacionais

Se voltarmos ao Quadro 2, verificaremos que um texto não é uma enfiada de informações novas o tempo todo. Se separássemos suas UDs em duas colunas, anotando em uma delas a "informaço nova", relevante para a elaboraço do Tópico, e em outra a "informaço velha" ou o desvio temático, e se rotulássemos de algum modo os Tópicos Conversacionais aí contidos, obteríamos o seguinte quadro:

Quadro 3: a UD e o processamento informacional do texto

INFORMAÇÃO NOVA. PROGRESSÃO TEMÁTICA.	INFORMAÇÃO VELHA. DESVIO TEMÁTICO.
Tópico 1: o convite (UD A)	
	Tópico 2: apreciação sobre o convite (UD B)
	Tópico 3: segmento epilingüístico sobre o vocábulo <i>esnobbar</i> (UD C)
	Tópico 4: esnobando a televisão (UD D)
Tópico 5: televisão e literatura (UD E)	
UDs. FRÁSTICAS. RELEVÂNCIA TÓPICA	UDs. PARAFRÁSTICAS. RELEVÂNCIA INTERACIONAL

O quadro acima mostra que apenas as UDs (A) e (E) foram relevantes do ponto de vista do processamento informativo do Tópico "televisão", proposto pela documentadora às locutoras. Já as UDs (B), (C) e (D) foram relevantes do ponto de vista interacional, pois alimentaram a conversaço. Nunca é demais insistir em que não falamos apenas para

dar ou receber informações o tempo todo, e sim, também, para estabelecer algum tipo de relação com o outro, repetindo coisas já ditas, procedendo a desvios temáticos, "segurando as pontas" da conversação. Se fôssemos emitir um juízo de valor sobre (1), fundamentando-nos apenas no processamento da informação, diríamos que as UD's (B), (C) e (D), foram pura "conversa mole". Mas Você já percebeu que esse juízo seria "interacionalmente incorreto", pois foi essa conversa mole que manteve o papo em andamento.

Esquematizando agora o quadro tópico do exemplo transcrito no Quadro 2, teríamos o seguinte:

Quadro 4: estudando o quadro Tópico "Televisão" do exemplo (1):

Supertópico - Convite para trabalhar na televisão

Subtópico 1 - Convite do Diretor da Folha

Tema sentencial - *uma pessoa... um Diretor lá da Folha*

Subtópico 2 - Apreciação sobre o convite

Tema sentencial - *na ocasião...*

Subtópico 3 - Uso do termo "esnobar"

Tema sentencial - \emptyset (= nós)

Subtópico 4 - Esnobando a televisão

Tema sentencial - *eu...*

Subtópico 5 - Televisão e literatura

Tema sentencial - *eu...*

Para encaminhar sua resposta à pergunta (4), note que as margens são constituintes facultativos, mas a impossibilidade de intercambiá-las evidencia que há uma "gramática" da UD. Assim, Marcadores como "ah..." (bem como seus correlatos "bom...", "por exemplo", "eu acho / penso que", "seguinte:", "quer dizer",

"primeiramente...", "depois", etc.) tematizam discursivamente a UD, funcionando como um ponto de partida interacional. Devem, portanto, figurar antes do núcleo. Seria estranho se alguém se expressasse da seguinte forma:

Quadro 5: mudando a ordem dos marcadores conversacionais para ver no que dá

* entende ?	isso evidentemente que influenciou minha vida	Ah... / bom...
-------------	--	----------------

Qual é o papel das UD's na construção e na organização do texto? Se cada UD é um Tópico Conversacional, isto é, aquilo de que se está falando, segue-se que um texto é um somatório de UD's. Examinando-as em sua seqüência, podemos descobrir a hierarquia que os falantes adotaram no arranjo tópico de sua fala.

4.4 - Seria possível encontrar nas UD's traços dos tipos textuais “descrição – narração – dissertação”?

Desde criança você aprendeu no ensino fundamental que há pelo menos três tipos de texto: o descritivo, que é uma seqüência de características de pessoas e coisas, o narrativo, que é uma seqüência de acontecimentos, e o dissertativo, que é uma seqüência de argumentos. Decerto você se lembra que a turma preferia ouvir narrativas, pondo em segundo lugar o interesse pelas descrições e as dissertações embutidas nas narrações. Cada um desses gêneros é uma espécie de “estado textual”, e todos eles aparecem reunidos.

Pois bem, as características desses gêneros aparecem nas UD's. Pegue portanto seus exemplos e dê uma resposta à pergunta acima.

4.5 - Que se aprende observando o comportamento dos Marcadores que funcionam como conectivos textuais, situados entre uma UD e a outra?

Para responder a essa pergunta, você precisará retranscrever a entrevista que temos analisado, para evidenciar as propriedades desses conectivos. Será bom adotar uma transcrição "verticalizada", que evidenciará que os conectivos textuais são duplamente

fóricos. Quer dizer, ao mesmo tempo em que eles retomam o que foi dito anteriormente, anunciam Tópicos que se seguirão. Isso aparece no Quadro 6:

Quadro 6: transcrição textual verticalizada de parte do D2 Recife 05

*L1 - não não não é questão disso
não mas
realmente a cadeia de supermercados aqui é de de de de Recife provavelmente é superior a qualquer
uma do país... isso vocês podem julgar lá vendo...
mas
não não não é propaganda não é coisa
nenhuma agora o que eu acho é o seguinte
é que nós temos
L2 - () problema de saneamento isso é seríssimo
L1 - nós temos aquelas aquelas desvantagens de qualquer civilização colocada no
trópico... mas como eu dizia há pouco
a cada:... vantagem a desvantagem corresponde a uma vantagem também... aqui tem brisa marinha
então
nós temos os ventos alísios que vêm aqui éh:... soprando aqui perto soprando temos a brisa terral de
manhãzinha cedo... o que faz com que a poluição seja bem mais difícil
agora
em Recife tem um problema muito sério é porque em sendo Recife a maior cidade do Nordeste... há
uma convergência
L2 - não...Recife é a maior cidade do mundo... porque é aqui que o Capibaribe se **encontra com o**
Beberibe pra formar o Oceano Atlântico
L1 - eu concordo com você
L2 -
(riu) L1
-
mas então
há esse
problema então
a coisa se agrava.*

Concentre sua atenção nos conectivos grifados no quadro acima, e verifique que eles retomam o que veio antes e anunciam que mais coisa virá. Essa análise o ajudará a entender muitas coisas sobre os conectivos textuais, muitas das quais também atuam como conjunções sentenciais, fato não explicado nas gramáticas nem nas salas de aula.

5. Já notei que num texto o assunto ora avança, ora “empaca”, e a gente começa a se repetir, a repisar o que já foi dito. Será que repetir o assunto está errado?

Outro fato notável nos textos falados - talvez mais visível que nos textos escritos - é uma sorte de reconstrução, de volta atrás, em que retomamos as palavras principais e as

jogamos de novo no fluxo do texto. Veja este exemplo, em que o segmento que aparece pela primeira vez vai ser transcrito com um **M**, de “matriz”, e o segmento repetido vai ser identificado pela letra **R**, de “repetição”:

Exemplo (2)

*porque o trem [de ferro] é assim... tem uma fila de uma [poltrona]... e nós duas aqui... nessa de duas [poltronas]... ele ficou lá perdido... né... porque ele tava de lá... **M** minha tia gritando e ele não respondia... minha tia já imaginou o pior e eu não dava vontade de gritar nada... fiquei pastel lá... minha tia em cima de mim...eu não podia nem levantar... **R** minha tia gritava e ele não respondia... não fazia nada... e o desespero que a gente só olhava pros outro... todo mundo machucado... todo sujo de sangue... [exemplo de Ramos 1984: 16]*

Dois processos são utilizados nessas circunstâncias: ou repetimos os segmentos textuais palavra a palavra, ou repetimos o conteúdo com palavras diferentes. Ambos processos devem estar ligados ao funcionamento da memória.

5.1 - A Repetição

Vá catando repetições por aí, e analise sua contribuição à construção do texto. Provavelmente você encontrará várias razões para repetir um trecho textual. Nos dados do Projeto NURC, a repetição (doravante **R**) de uma expressão matriz (doravante **M**) tem as seguintes funções:

1) Serve para "*explicitar o tópico da nova seqüência e assegurar a coesão das seqüências do discurso*", segundo Ramos (1984), como ocorre em (3):

*(3) homem assim tem muito mais chance... **M** depende da aparência... **R** aparência acho que leva muito em conta...*

2) Há repetições para enfatizar elementos da sentença:

*(4) **M** deve ser por causa da colonização européia lá...**R** deve ser...*

3) Algumas repetição sintetizam o que vinha sendo dito, facilitando a compreensão:

(5) **M** eu nunca tirei nota boa em português não... sabe... mas em rela/ esse ano em relação ao resto da turma... acho que até que eu fui muito bem até o terceiro bimestre (...) **R** nunca fui de tirar nota em português não... nunca fui boa em português...

Agora que você tomou consciência de que a repetição é um processo constitutivo do texto, não acredite mais nos que te dizem que é errado repetir trechos no texto.

5.2 - A Paráfrase

"Paráfrase" é um termo técnico que para designar um processo constitutivo da linguagem, definido na Retórica de Aristóteles como um mecanismo de produção diversificada do discurso na situação social. Através da paráfrase, o falante escolhe um ponto de vista sobre a realidade no nível da representação conceptual (*písteis*) e no nível da verbalização (*léxis*). A amplificação, a metáfora e a comparação são consideradas modalidades da paráfrase.

A Lingüística do Texto recuperou o velho sentido aristotélico da paráfrase, entendendo-a como *"a transformação progressiva do 'mesmo' (sentido idêntico) no 'outro' (sentido diferente). Para redizer a 'mesma' coisa acaba-se por dizer 'outra' coisa, no termo de um processo contínuo de deformações negligenciáveis, imperceptíveis"*: Fuchs (1982: 49-50). Ou, como preferem Beaugrande-Dressler (1981: 58), a paráfrase é a *"recorrência do conteúdo com uma mudança da expressão"*.

O paradoxo da paráfrase está nisso: é uma repetição de conteúdos que, precisamente por terem sido repetidos, se acrescentaram semanticamente, e nesse sentido, mudaram.

Ela pode ser estudada de um ângulo conversacional, como um mecanismo de manutenção ou ataque ao turno (como no caso das auto e das heterocorreções), e de um ângulo textual, que é o que interessa aqui.

Wenzel, apud Hilgert (1989), identificou os seguintes tipos de paráfrase, em que a matriz vem assinalada por **M**, e a paráfrase por **P**:

1) Paráfrase concretizadora / desconcretizadora.

A paráfrase concretizadora focaliza, especifica o Tópico conversacional, quando ele vem apresentado de modo vago na matriz:

(6) **M** eu noto que *MUIt* paulista fica um pouco chocado... com o linguajar carioca... (...) **P** nós ficamos um pouco chocadas com o esse e o erre exagerados... (D2 SP 333: 30-55).

Observa-se em (6) que o SN quantificado *muito paulista* foi substituído por um pronome pessoal específico, *nós*, que identifica as interlocutoras como pessoas que se chocam, produzindo um efeito de concretização.

A paráfrase desconcretizadora desfocaliza o Tópico da matriz, mediante, por exemplo, o recurso a um quantificador universal:

(7) **M** agora vamos usar um termo que eu uso bastante... **P** e que todo mundo usa (ibidem: 8-9).

2) Paráfrase expansiva / sintetizadora

A paráfrase expansiva amplia a informação contida no segmento matriz:

(8) *nós vimos que existem dois agentes que oferecem moeda (...)* **M** os bancos comerciais e o Banco Central... certo ? **P** o Banco Central de uma forma mais direta e os bancos comerciais... através do mecanismo de multiplicação (EF SP 388: 1-5).

(9) *muito paulista fica um pouco chocado* **M** com a linguagem carioca...**P** com os esses e os erres do... carioca (D2 SP 333: 30-35).

A paráfrase sintetizadora age em sentido oposto, cortando caminho e forçando o encerramento de um Tópico. São acionados marcadores do tipo de *então*, *em suma*, *para dizer em poucas palavras*, além dos "verbos introdutórios de opinião" estudados por Marcuschi (1989):

(10) **M** como isso constitui numa pedra no caminho quando é passado em termos de arte cênica e... no caso... televisão (...) **P** então isso é uma pedra que vejo no caminho nosso (D2 SP 333: 71-115).

3) Paráfrase enfatizadora / atenuadora

São muito variados os recursos da ênfase, começando pela entoação, passando por Advérbios Intensificadores, como *altamente*, *excessivamente*, chegando à utilização de sinônimos amplificadores, como neste caso de paráfrase enfatizadora :

(11) **M** bem... **M** não é que ele falasse alto... **P** ele já estava mesmo era berrando...

A paráfrase atenuadora se vale, entre outros recursos, dos Advérbios Delimitadores, estudados por Moraes de Castilho (1991):

(12) **M** a inflação brasileira é puramente inercial... isto quer dizer que **P** num certo sentido a inflação se alimenta de si mesma.

Uma última pergunta seria a seguinte: qual é o âmbito da paráfrase? Se você fizer algumas análises, observará que podemos parafrasear palavras, sintagmas e sentenças. Será que a coisa para por aí? Não, pois toda uma UD pode igualmente ser parafraseada, como se pode observar no Quadro 7:

Quadro 7: parafraseando uma UD

UD Matriz

<i>pois bem</i>	<i>uma grande atriz que é a Maria Fernanda... faz uma paulista de quatrocentos anos exatamente com a linguagem que você assinalou... de esses sibilantes como cobras... que Maria Fernanda tem todos aqueles cacoetes de linguagem de uma carioca e é uma grande atriz</i>	<i>Ø</i>
-----------------	--	----------

UD Parafraseada

então	<i>choca demais aquela paulista quatrocentona que ela faz bem grifado... aliás de uma maneira um pouco... calcada demais porque esse tipo acho que já se diluiu nem existe mais (...) fica muito falso ver-se então uma paulista (...) falando como uma carioca com esses sibilantes (...)</i>	não é?
-------	--	--------

(D2 SP 333: 88-107; foram eliminados os assaltos ao turno)

6. Também reparei que de repente um assunto que estava sendo debatido é jogado fora e se começa outro. Por que isso acontece?

Nas seções anteriores examinamos dois processos de criação de um texto: o estilo “*vamo que vamo*”, em que adiantamos o assunto, o estilo “*me dá um tempo aí*”, em que repisamos o assunto.

Pois é, analisando os textos dá para identificar um terceiro processo, que poderíamos descrever como estilo “*deixa pra lá*”. Isso acontece quando nos desviamos do assunto, no caso da digressão, ou quando encaixamos um assunto dentro do outro, no caso dos parênteses. Em qualquer desses casos o processamento do texto vai exigir mais esforços por parte do interlocutor. Se ele cochilar um pouco, quando voltar a prestar atenção o papo já terá mudado de lugar temático. Vai ser a hora de esfregar os olhos e interpelar: “*cuma? cuma?*”

6.1 - A Digressão

Discriminadas como viciosas na língua escrita, para não deixar as repetições sozinhas, as digressões são igualmente processos constitutivos do texto falado. Segundo Dascal e Katriel (1982), há três tipos de digressão: baseadas no enunciado, baseadas na interação e seqüências inseridas.

A digressão baseada no enunciado representa um desvio tópico sem motivação interacional. A digressão baseada na interação é um desvio motivado por comentários feitos a uma situação nova, surgida durante a conversação. Finalmente, as seqüências

inseridas são uma categoria intermediária, que guarda relações tanto com o que vinha sendo dito, quanto com a situação que circunda os locutores.

1) Digressão por desvio tópico

Neste caso, deixa-se de lado temporariamente o tópico que vinha sendo versado, o qual retornará após a digressão, como em (13):

(13) L1 - *então a minha [filha] de onze anos... ela supervisiona o trabalho dos cinco... então ela vê se as gavetas estão em orde/... em ordem se o:: material escolar já foi re/arrumado para o dia seguinte... se nenhum::*

L2 - [
 é

L1 - *fez:: arte demais no banheiro... porque às vezes... estão tomando banho e ficam jogando água pela janela quer dizer essa é supervisora nata é assim... ah... toma conta... precocemente não ? das:: atividades dos irmãos (D2 SP 360: 193-200).*

Note que em (13) o Tópico "papal de supervisora exercido por uma das filhas de L1, dentro de casa" sofre um desvio, iniciando-se uma digressão marcada formalmente por *porque*. Temos aqui uma digressão com foco no enunciado. Andrade (1995: 94) enumera os seguintes marcadores da digressão baseada no enunciado: *a propósito, isto me lembra que, por falar nisso, olha... tem um negócio, já que você falou nisso, etc.*

2) Digressão por meio de comentários sobre a situação de fala

Temos agora uma sorte de comentário rápido, sem a centração e a relevância que caracterizam um Tópico. No final dessa mesma entrevista, L1 continua a falar de sua filha, e de repente se assusta com o tempo consumido em seu depoimento, procedendo a uma digressão com foco na enunciação:

(14) L1 - (...) a outra de nove quer ser bailarina (...) ela vive dançando (...) a Laura não se definiu... tenho impressão de que ela vai ser PROMotora (...) que ela vive acusando é aquela (...) que toma conta do pessoal ((risos)) oh... agora ah::...nossa... foi além do que eu... imaginava...

Doc [
 não::

L1 - *o horário (...) não por causa das crianças na escola ((risos)) agora a Estela vive dançando... e ela quer ser bailarina (D2 SP 360: 1369-1390).*

A digressão representa, por assim dizer, uma mudança no tempo do discurso. Se os segmentos anterior e posterior vinham sendo expressos em determinado tempo verbal, a digressão opta por outro, mesmo que isso não tenha muito a ver com a seqüência "histórica" dos eventos que vinham sendo verbalizados. Apenas se altera seu rumo - e isso é tudo. Assim, se antes ou depois da digressão de (13) predominava o presente pontual, no segmento digressivo o locutor muda a chave, e escolhe o presente imperfectivo. Em (14), vinha predominando o presente, em seus diversos matizes de presente pelo futuro, presente imperfectivo, presente iterativo. Na digressão, há uma virada para o passado, retomando-se logo em seguida o esquema aspectual-temporal anterior.

6.2 - Os Parênteses

Os parênteses não se constituem num Tópico desviante, como a digressão, pois não dispõem das propriedades de centração e organicidade. Eles têm por isso mesmo menor extensão textual. Vejamos alguns exemplos, retirados de Jubran (1995):

(15) *Doc.- a que jogos as pessoas costumam dedicar-se na praia ?*

Inf. - na praia... jogos... bom... o que eu vejo lá na... na... praia o pessoal joga muito aquelas raquetes assim... jogam vôlei tênis de praia que se chama aquilo com raquete... é... tênis de praia... vôlei... isso que eu vejo na praia... né ? (DID POA 45: 176-177).

(16) *aqui nós só vamos... fazer uma leitura em nível PRÉ-iconográfico nós vamos reconhecer as formas... então que tipo de formas que nós vamos reconhecer? bisontes ((vozes)) bisonte é o bisavô...do touro... tem o touro... o búfalo:: e o bisonte MAIS lá em cima ainda... nós vamos reconhecer ahn:: cavalos... nós vamos reconhecer veados... sem qualquer conotativo aí... e algumas vezes MUIto poucas...alguma figura humana... ai na parte da estátuária que a gente vai reconhecer a figura humana mas é muito raro... neste período (EF SP 405: 135-139).*

(17) *já no Japão... são duas realidades... dentro de uma mesma situação (...) o nível do operário americano NÃO É... que o operário japonês não é nem operário... exato ? eu estou tentando mostrar que eu estou dando uma aula tentando resumir claro que o nível principal com relação do relacionamento ainda tem resquícios feudais... tá claro gente ?... vocês imaginem a quantidade de operariado do Japão... né ? (EF RJ 379: 274-277).*

Nos exemplos acima, vê-se que os parênteses são atos de fala que constituem pequenos esclarecimentos, comentários, perguntas, etc., fornecendo observações rápidas ao Tópico que se vem desenvolvendo. Em (15) e (16), os parênteses têm um claro papel lexical, para explicar o sentido de *vôlei* e de *bisonte*. Esse tipo de paráfrase é muito

freqüente, e aciona marcadores como *digamos assim, vamos dizer assim, explicando melhor*, etc. Em (17), os parênteses focalizam o falante e o interlocutor. Jubran (1995) mostra que nesses casos "*o locutor interrompe por momentos o desenvolvimento do tópico discursivo, a fim de, entre parênteses, chamar o interlocutor para dentro do texto, com o intuito de pedir-lhe ajuda para encontrar uma denominação comum, ou delegar-lhe a escolha de um lexema, entre alternativas que lhe são colocadas*".

Jubran (1995: 11) relaciona as seguintes propriedades formais dos parênteses: "(1) *pausas inicial e final, (2) entonação descendente no final, em contraste com a ascendente na retomada tópica, (3) incompletude sintática do enunciado anterior ao parêntese, (4) marcas de reintrodução tópica, como agora, porque, entre outros*".

O estudo dos parênteses faz uma ponte entre o Texto e a Sentença. Sendo a menor porção de um texto, os parênteses reduzem-se muitas vezes a uma ou poucas mais sentenças, exibindo propriedades sintáticas distintas em relação às sentenças que precedem e que seguem.

Em conclusão, algumas perguntas formuladas a propósito do texto poderão migrar para a sentença: como se constroem o Tema e o Rema sentenciais? Como as sentenças simples são interligadas no interior da sentença complexa, também conhecida como período? Qual é a importância das diferentes caras da construção na feitura de uma sentença?

7. Parece que o texto é também um montão de sentenças. Nesse caso, que características do texto conversacional vão aparecer na sentença? E o que é uma sentença, afinal?

Vamos começar pela última pergunta: afinal, o que é uma sentença? Não, não se preocupe. Não pense que vou dar uma pá de definições para que tudo fique na mesma.

É verdade que há muitas definições de sentença, dada a complexidade da língua, já aqui lembrada. Pode-se definir uma sentença do ponto de vista fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo.

Vamos nos concentrar só nas definições que terão importância para quem quer fazer uma descrição linguística ainda preliminar. Descrever, como você se lembra, é a primeira das atitudes para quem deseja desenvolver reflexões sobre a língua.

E como estávamos lidando agora pouco com o texto, começemos por uma definição informacional da sentença, segundo a qual ela *"se realiza como unidade comunicativa, bipartindo-se em Tema (ou tópico) e Rema (ou núcleo, ou comentário, ou foco), ou, ainda, num segmento comunicativamente estático, oposto a um segmento comunicativamente dinâmico"*: Ilari (1986b: 37).

E agora, uma definição sintática da sentença, assim formulada por Galves (1988): *"a oração é a projeção sintática das propriedades de subcategorização de um verbo, em outros termos, a projeção da estrutura argumental desse verbo. Nesse sentido, o verbo é o núcleo da oração"*.

Daqui a pouco estaremos trabalhando essas duas definições. Por ora, lembremo-nos de que também aqui é preciso dispor de uma transcrição sintática da sentença, para melhor visualizar o que ela é.

A transcrição representa, na verdade, uma pré-análise dos dados. Por meio dela, transpomos o dado bruto contido nas fitas magnetofônicas para o estado "semi-idealizado" dos dados configurados por determinada metodologia de transcrição.

Seguiremos aqui Blanche-Benveniste et alii (1979), que redigiram um trabalho muito interessante, relativo à análise da sentença na língua falada.

Esses autores partem da concepção saussuriana sobre os eixos lingüísticos. Segundo Saussure (1917: 142 e ss.), toda língua natural se desenvolve em dois eixos: o eixo sintagmático ou das sucessões, no qual se depositam os signos verbais produzidos na seqüência do tempo, e o eixo das associações, posteriormente denominado paradigmático, no qual podem ocorrer determinados signos em determinados pontos do eixo sintagmático. O eixo sintagmático é o eixo dos signos "em presença", visto que nele os signos se sucedem uns aos outros, e o eixo paradigmático é o eixo dos signos "em ausência", visto que só pode ocorrer um signo de cada vez, ficando os demais como que guardados na memória do falante. Já veremos que essa memória "transborda" na língua falada, e assim também os signos do eixo paradigmático se realizam "em presença".

Para transcrever as sentenças, vamos propor um novo quadro, com quatro colunas, nas quais anotaremos os seguintes dados: na primeira coluna, as conjunções; na segunda coluna, o Sujeito; na terceira, o verbo; na quarta seus complementos e Adjuntos.

Quadro 8 A: transcrição sentencial da entrevista D2 SP 333, reproduzida no exemplo (1)

(1)		<i>olha I</i>	
(2)	<i>Eu</i>	\emptyset	
(3) <i>como</i>	<i>Você</i>	<i>Sabe</i>	
(4)	<i>u.:ma pessoa um Diretor lá da Folha</i>	<i>certa feita () chamou</i>	← (me)
(5) <i>e</i>	\emptyset	() <i>incumbiu</i>	← (me) <i>de escrever sobre televisão</i>
(6)		<i>o que me parece é que</i>	
(7) <i>quando</i>	<i>Ele</i>	() <i>incumbiu</i>	← (me) <i>disso</i>
(8)	<i>Ele</i>	<i>Pensou</i>	(S) →
(9) <i>que</i>	\emptyset	<i>ia ficar em face</i>	<i>de uma recusa</i>
(10) <i>e que</i>	<i>Eu</i>	<i>ia esnoBAR --</i>	\emptyset
(11) <i>agora</i>	\emptyset	<i>Vamos usar</i>	<i>um termo</i>
(12) <i>que</i>	<i>Eu</i>	<i>uso bastante</i>	← (que)
(13) <i>que</i>	<i>todo mundo</i>	<i>usa muito --</i>	← (que)
(14)	<i>Eu</i>	<i>ia esnobar</i>	<i>A televisão</i>
(15) <i>como</i>	<i>todo intelectual</i>	<i>realmente esnoba...</i>	\emptyset

Quadro 8 B: transcrição sentencial de um trecho do DID RJ 18

(1)	<i>ah... isso</i>	<i>evidentemente</i>	
(2) <i>ainda mais porque</i>	<i>Nós</i>	<i>Somos</i>	<i>israelitas entende ?</i>
(3)		<i>É</i>	<i>um tipo de cultura muito diferente sabe ?</i>

(4)		São	uns valores completamente diferentes
(5)		É	um negócio muito diferente
(6)	Ø	só vivendo mesmo	
(7)	é que você	Vê	Ø entende ?

Assinalei por [Ø] os argumentos e os verbos elípticos, e por (←) os argumentos que mesmo tendo figurado antes do verbo, foram transcritos na quarta coluna. Algumas lições preliminares podem ser tiradas dessa forma de transcrever os dados:

1) Nesses arranjos, ambos os eixos da língua estão presentes, e ambos são produzidos na linha do tempo. A transcrição mostra a necessidade de integrar na argumentação gramatical a "sintaxe vertical", dada pelo eixo paradigmático, mais freqüente na língua falada que na língua escrita. No Quadro 8A, o lugar do Sujeito da quarta sentença (a segunda é anacolútica) foi preenchido duas vezes, gerando esse tipo de sintaxe.

2) Os segmentos discursivos, isto é, aqueles não governados pelo verbo, figuram contíguos ao segmento sintático. É o caso de marcadores de hesitação, como *ah*, do Quadro 8 B, ou mesmo os fáticos usados nesse mesmo exemplo.

3) Particularmente com respeito ao estudo da sintaxe da língua falada, a transcrição permite (i) identificar as sentenças esboçadas, ou anacolúticas (como "*eu*", em (8 A), que iniciava uma sentença cujo foco estava na primeira pessoa, a pessoa do falante, estratégia que ele preferiu abandonar, colocando ali um sintagma nominal, portanto uma terceira pessoa, "*uma pessoa*"), (ii) identificar as sentenças "canônicas", em que todos os argumentos verbais foram preenchidos, (iii) identificar as sentenças em que ocorreu a elipse de algum constituinte.

Essas transcrições conferem uma grande visibilidade às relações sintáticas, permitindo estabelecer um plano sistemático de observações. Já transcreveu gramaticalmente suas entrevistas? Isso quer dizer que seus materiais estão prontos para novas perguntas. Lá vêm elas: (1) que se aprende analisando o verbo como núcleo da sentença? (2) que se

aprende analisando o Sujeito da sentença? (3) que se aprende analisando os complementos da sentença? (4) que se aprende analisando os Adjuntos da sentença?

A seguir, serão feitas algumas observações muito rápidas sobre essas questões. O filé minhon de tudo vai ser deixado para você.

8. Analisando o núcleo da sentença: o papel do verbo

A definição sintática de uma sentença mostra que essa unidade gramatical decorre das propriedades gramaticais do Verbo, enquanto classe que pode “selecionar”, “projetar”, “escolher” termos da sentença. Muito importante, portanto, verificar como ocorreu (i) a escolha do verbo, (ii) a organização da estrutura argumental da sentença, (iii) a omissão do verbo.

A centralidade do verbo foi levada em conta em nossa transcrição, e para ele foi prevista a coluna 3, que passamos a analisar.

Observemos inicialmente que alguns verbos se manifestam numa forma simples (*olha, sabe, chamou, etc.*), ou numa forma composta (*ia ficar, ia esnobar, vamos usar*).

Por outro lado, outros verbos usados pelos locutores não organizam uma sentença, por não terem selecionado argumentos próprios, e por isso não figuram na coluna 3. É o caso de (i) *ser* focalizador (ou expletivo) da sétima sentença do Quadro 8 A; (ii) verbos “seriais” do tipo de “*pegou e disse, foi e falou*”, que não ocorreram nos exemplos acima; (iii) verbos no infinitivo, no gerúndio e no particípio que, por não disporem de sufixos flexionais, não podem “escolher” o Sujeito, como ocorreu na quinta sentença do Quadro 8 A; (iv) também “não merecem uma coluna própria” os verbos usados como fáticos, os quais transcreveremos contíguos ao constituinte junto do qual figuraram. A mesma decisão foi tomada quanto aos Adjuntos.

8.1 - Escolha do verbo

Para verificar como se escolhe um verbo, vejamos o seguinte texto narrativo:

(18) eu estive na... em Cumaná... tinha uma praia... um litoral muito bonito que aliás é muito parecido com o nosso litoral norte... sabe ? mas eu não conheço o nosso litoral norte..e:... fiquei lá durante três meses e nesse tempo todo eu conheci bastante (inaudível) o povo de lá... que é bem diferente...e:... bem diferente de nós... (...) são por exemplo esses lá... é nessa praia que pertence à Universidade... como aqui na nossa Oceanografia também pertence à USP... e... toda a Universidade detesta ir pra...(...) e todo o curso foi feito ali... inclusive nós saímos assim durante... fazer compras de material e tudo e... ah::

... e conhecemos toda a região... sabe? (D2 SP 167: 7- 30).

A seleção dos verbos nesse texto correlaciona-se com as seguintes necessidades discursivas:

- "Quem / o quê é X ?"

Respondendo a essa pergunta, introduzimos o Tópico Conversacional, seja ele uma pessoa, sejam uma coisa. Os Verbos Apresentacionais, do tipo "*tem gente na sala*", "*foi isso*", "*trata-se do seguinte*", "*há pessoas que não entendem de nada*", etc., desempenham esse papel. Não apareceram verbos desse tipo em (18), mas sim no Quadro 8 B, em que as sentenças de 3 a 5 foram construídas com o Verbo *ser* Apresentacional. Note que tais verbos organizam sentenças do tipo "V + X", isto é, o verbo vem sempre na cabeça da sentença, sendo seguido de um sintagma cujo referente é o assunto que se quer introduzir na conversa.

- "Como é X ?"

A resposta a esse quesito será uma caracterização do Tópico. Para satisfazê-lo, serão selecionados os Verbos Equativos de estrutura "SN é SN", como em "*mãe é mãe*", e os Verbos Atributivos de estrutura "SN é Sintagma Adjetivo (SAdj)", como em "*o povo de lá é bem diferente*". Equativos e Atributivos selecionam Temas semanticamente estáticos.

- "O que X faz ?"

A resposta a essa pergunta leva à seleção de Verbos Biargumentais de Ação do tipo "X faz Y", como em "*nós fizemos o curso ali*", que apresentam o Tema numa forma dinâmica.

- "O que aconteceu a X ?"

Selecionam-se os Verbos de Estado e do tipo "X está em Y", como em "*fiquei lá durante três meses*" e os Verbos de Evento, do tipo "X sabe Y", como em "*eu conheci bastante o povo de lá*". Esses verbos apresentam o Tema como um estado resultante de operações anteriores não verbalizadas, do tipo "X viu Y", portanto "X conhece Y", logo "X sabe Y".

- "Como ficou X após ter feito Y ?"

Neste caso, selecionam-se os Verbos Transobjetivos, do tipo "X faz Y e Y está Z", como em "*os pesquisadores encontraram o povo doente*".

8.2 – Como o verbo organiza a sentença

Desde a gramática greco-romana se tinha notado a importância do verbo na organização da sentença. Tanto assim que os romanos batizaram essa classe de *uerbum*, que quer dizer "palavra", querendo significar que o verbo é a palavra por excelência.

As gramáticas escolares e as teorias sintáticas destacam a propriedade que os verbos têm de "*exigir, demandar, articular, subcategorizar*" determinados "*termos, actantes ou argumentos*", os quais lhe "*completem, determinem, especifiquem*" o sentido, constituindo juntamente com eles o predicado verbal.

Essa propriedade fundamental do verbo é a de *transitividade*. A propriedade da transitividade assegura ao verbo a constituição de sua estrutura argumental, de que resulta a sentença. O vocábulo *argumento* está sendo utilizado aqui no sentido de "termo adjacente ao verbo, por ele selecionado". Numa língua como a portuguesa, pode-

se dizer que o radical do verbo escolhe os argumentos internos (ou complementos), assim denominados por que ocorrem "no interior do SV", ao passo que a flexão do verbo seleciona o argumento externo (ou Sujeito), que ocorre "fora do SV".

Essas afirmações estão fundamentadas na morfologia do verbo, que tem em sua estrutura dois constituintes, o radical e as desinências, fato que teria uma óbvia consequência sintática. Um radical sem autonomia semântica selecionará os complementos (= termos que "complementam" o sentido contido no radical do verbo), e as desinências selecionarão o Sujeito (= o verbo concorda com o Sujeito através de suas flexões ou desinências, logo é razoável reconhecer nelas a propriedade de seleção do Sujeito). Em consequência dessa diversa origem, os argumentos verbais terão comportamento sintático diverso, fazendo da sentença uma estrutura assimétrica: note que habitualmente o trecho verbo-Sujeito é mais curto (ou mais "leve") do que o trecho verbo-complementos, mais comprido (ou mais "pesado").

Talvez você sempre tenha achado um pouco complicado identificar o Sujeito e os complementos da sentença, para não falar nos Adjuntos. Essa dificuldade provavelmente deriva de um entendimento semântico desses termos, estratégia comum em nossas gramáticas, considerada uma roubada por Perini (1985), Ilari (1985), Luft (1985) e tantos outros críticos da gramática tradicional. De acordo com esse entendimento, o Sujeito é o termo agentivo da sentença, enquanto que os complementos seriam os termos paciente. Bom, isso só vai dar certo se o verbo for de ação, mas o que faríamos com os outros verbos, enumerados mais acima? Seria cassado seu direito de selecionar o Sujeito, e isso não se faz!!

Para sair desse atoleiro, faremos um raciocínio fundamentado no comportamento sintático dos argumentos e dos Adjuntos, tomando por critério a possibilidade que os argumentos têm (e os Adjuntos não têm) de serem substituídos por um pronome. Observe o seguinte:

- Quando o termo adjacente escolhido pelo verbo pode ser substituído pelo pronome *ele*, e o verbo com ele concorda, esse termo é o Sujeito da sentença.

- Se esse termo pode ser substituído pelos pronomes *me / te / o*, e o verbo com ele não concorda, esse termo é o Objeto Direto da sentença.
- Se o termo pode ser substituído pelo pronome *lhe*, e o verbo com ele não concorda, esse termo é o Objeto Indireto da sentença.
- Se o termo pode ser substituído por uma preposição + *ele*, ou por uma expressão locativa, ou por um pronome demonstrativo neutro, e o verbo com ele não concorda, esse termo é o Complemento Oblíquo da sentença.
- Finalmente, se o termo não “passar” por nenhum desses testes, muito provavelmente será um Adjunto.

A estrutura sentencial não se esgota em Sujeito, complementos, Adjuntos, mas por enquanto vamos parando por aqui. Veja os seguintes exemplos:

(19) Sujeito

A menina perdeu o livro = Ela perdeu o livro, logo, *a menina* é o Sujeito da sentença;

(20) Objeto direto

Ela descobriu seu namorado = Ela descobriu-o, logo, *seu namorado* é o Objeto direto da sentença;

(21) Objeto indireto

O livro pertence ao aluno = O livro lhe pertence, logo, *ao aluno* é o Objeto indireto da sentença;

(22) Complemento oblíquo

(a) *Preciso do livro = Preciso dele*, logo, *do livro* é o complemento oblíquo da sentença;

(b) *Luis foi ao Peru = Luis foi lá*, logo, *ao Peru* é o complemento oblíquo da sentença;

(c) *O livro custou trinta reais = O livro custou isso*, logo, *trinta reais* é o complemento oblíquo da sentença

(23) Adjunto adverbial

*Ele falava nervosamente = *ele falou ele / *ele falou-o / *ele falou-lhe / *ele falou dele, lá, isso*. Como a expressão *nervosamente* não aceita as substituições feitas nos exemplos de (29) a (32), é o Adjunto adverbial da sentença.

8.3 – Tipologia das sentenças fundamentada na atuação do verbo

-

O verbo tem a peculiaridade, compartilhada com algumas outras classes de palavras, de precisar de um, dois, três, ou de nenhum argumento para que seu sentido se complete. Essa propriedade sintáticas vai criar uma tipologia sentencial, que é a seguinte:

8.3.1 - Sentenças simples não-argumentais

Os verbos não-argumentais constituem sentenças simples da mesma natureza:

(24) *Chove.*

(25) *Relampeja*

Os verbos não-argumentais são simultaneamente impessoais e intransitivos.

8.3.2 - Sentenças simples monoargumentais

O verbo pede um só argumento. Dependendo da natureza desse argumento, as sentenças simples monoargumentais podem ser

- Apresentacionais, pois introduzem no discurso um tópico novo; elas respondem à pergunta "quem é X ?" / "o que é X ?" e sua estrutura sintática é [V SN]. As apresentacionais se subdividem em existenciais e ergativas

- Equativas e Atributivas

A) Sentenças apresentacionais existenciais

(26) *Em São Paulo **tem** um problema específico de ter-se tornado um centro industrial.*

(27) ***Tinha** um gato preto perto dela.*

(28) *Ali **havia** uns eucaliptos sendo plantados lá, não ?*

(29) ***Existem** muitos outros meios de transporte que não são explorados*

(30) *A – Mas será possível que não veio ninguém hoje ?*

*B – Bem, **há** eu aqui, não serve ?*

(31) *A - Mas quem será a estas horas ?*

*B - **É** o Luís.*

(32) ***Era** uma vez um gato de botas.*

(33) ***Faz** / **Há** cinco anos que não o vejo.*

O papel textual dessas sentenças está em introduzir, “apresentar” um novo tópico conversacional. Seu papel semântico está em declarar que o referente do substantivo ou

do pronome que vêm depois existem. Nas sentenças acima, foram introduzidos os seguintes tópicos na conversa, declarando-se que eles existem: *problema, gato, eucalipto, meio de transporte, eu*, etc.

B) Sentenças apresentacionais ergativas:

(34) *Os benefícios diminuíram.*

(35) *Ultimamente apareceu um programa que estava num nível razoável.*

(36) *Então chega uma outra firma e diz assim: "Preciso de um gerente de produção".*

(37) *Aí então começaram a aparecer os vestidos feitos.*

Essas sentenças têm um Sujeito “com cara de Objeto direto”, visto que eles têm o traço semântico /paciente/, ou seja, a entidade que o Sujeito codifica não é responsável pelo estado de coisas expresso pelo verbo. Nos exemplos acima não foi na verdade o benefício que diminuiu, o programa que apareceu, etc., mas sim alguém fez diminuir o benefício, alguém fez aparecer o programa, etc. Tanto assim é que essas sentenças podem ser convertidas em biargumentais, assim que explicitemos o termo controlador do estado de coisas:

(34 a) *Alguém fez diminuir os benefícios*

(35 a) *Alguém fez aparecer um programa, etc.*

A palavra *ergativo* é grega, e quer dizer “causativo”.

C) Sentenças monoargumentais atributivas

As sentenças atributivas e as equativas respondem à pergunta "como é X ?", segundo Lyons (1978: II, 472), tendo por papel qualificar o tópico sentencial.

(38) *O menino é alto.*

(39) *O menino está doente.*

Nessas sentenças, o verbo liga uma qualidade que é atribuída ao Sujeito. Tanto assim, que se ele for omitido teremos sintagmas nominais* derivados dessas sentenças, como em

(38 a) *menino alto*

(39 a) *menino doente*

D) Sentenças monoargumentais equativas

(40) *A fita é a base do inquérito.*

(41) *No Colégio de Apliação, o professor é o aluno.*

(42) *Só queria dizer que eu sou eu. Não consigo ser nós:* Ignacio de Loyola Brandão - *Zero*. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1975, pág. 199.

Essas sentenças expressam a equação, a igualdade referencial entre os termos que antecedem e seguem o verbo *ser*. Assim, (40) informa que *a fita = a base do inquérito*, (41) informa que *o aluno = o professor*, não se tratando de duas entidades.

8.3.3 - Sentenças simples biargumentais

Nessas sentenças, os verbos selecionam dois argumentos, o Sujeito e o argumento interno. Elas podem ser portanto transitivas diretas, transitivas indiretas e transitivas oblíquas. Em geral, elas respondem à pergunta “o que X faz?”, selecionando um tópico /+ dinâmico/. Sua estrutura sintática é [SN V SN / SP / Sentença].

A) Sentenças biargumentais transitivas diretas

(43) *Luís descobriu a pólvora.*

(44) *Hoje te peguei.*

(45) *Luís descobriu que quer ser aviador.*

(46) *O mesmo governo afirma ser inócua a aprovação.*

B) Sentenças biargumentais transitivas indiretas

(47) *O livro pertence ao aluno.*

C) Sentenças biargumentais transitivas oblíquas

(48) *Luís foi ao Peru.*

(49) *Luís foi com Maria.*

(50) *Luís veio do Peru*

(51) *Luís veio com Maria.*

(52) *Luís precisa de nota.*

(53) *Luís gosta de peras.*

(54) *Caso se chegue a esse ponto extremo, abandonaremos o barco.*

(55) *A greve durou três meses.*

(56) *O número de filiados baixou para trinta mil.*

D) Sentenças biargumentais de evento

As sentenças biargumentais de evento respondem à pergunta “o que aconteceu a X?”.

Elas atribuem um estado ao Sujeito, tendo uma estrutura sintagmática [SN^{Não-Agentivo} + V

+ SN^{Não-Pac}]:

(57) *Eu conheci bastante o povo de lá.*

(58) *Os meninos ficaram lá três meses.*

8.3.4 - Sentenças simples triargumentais

São organizadas pelos Vs bitransitivos, apresentando a estrutura [SN^{Ag} + V + SN^{Pac} +

SP^{Alvo}]:

(59) *Luís passou a bola ao seu companheiro.*

(60) *Luís colocou as malas no carro.*

(61) *Luís convidou os amigos para um passeio.*

(62) *Luís escreveu Ø ao amigo.*

8.4 – Escondendo o verbo na sentença

Pois é, apesar de toda a sua centralidade, podemos omitir o verbo, quando ele já se instalou no fluxo da consciência, sendo possível identificá-lo pelo contexto maior, como se vê em

Quadro 9: escondendo o verbo

<i>Doc. Agora ()</i>	<i>a terra</i>	<i>como é que era preparada ?</i>	
	Ø	Ø	<i>manualmente</i>
<i>Ou</i>	Ø	Ø	<i>mecanicamente ?</i>
<i>Loc. bom...</i>	<i>até o::</i>		
<i>Bom...</i>	Ø	Ø	<i>manualmente sempre</i>
<i>Quer dizer</i>	Ø	Ø	<i>com enxada</i>

(DID SP 18: 71-76)

No Quadro 9, tanto o Doc. quanto o Loc. omitem “*era preparada*” (e também o Sujeito *a terra*”), concentrando-se o Rema nos advérbios e no Adjunto adverbial, os quais operam como predicadores secundários.

A omissão do verbo abre lugar às proformas verbais, sejam os chamados "verbos vicários", como *fazer*, sejam advérbios como *também*, como em

(63) *O estranho cuspiu na calçada e seu filho também o fez.*

(64) *O estranho cuspiu na calçada e seu filho também Ø.*

9. Analisando o Sujeito

Bom, agora que nos entendemos sobre o que é o Sujeito, o Objeto direto, o Objeto indireto e o complemento oblíquo, poderemos analisar mais de perto essas funções em nossos dados, formulando três perguntas a cada uma delas: (1) que classes gramaticais preenchem essas funções? (2) qual é sua colocação em relação ao verbo? (3) em que condições omitimos essas funções?

9.1 - Classes de preenchimento da função de Sujeito

Numa indagação-piloto, Castilho et alii (1986a) encontraram nos materiais do Projeto NURC/SP 30% de Sujeitos omitidos, contra 70% de Sujeitos preenchidos, dos quais 42% foram preenchidos por um pronome e 28% foram preenchidos por substantivos. Como os substantivos remetem a coisas e a pessoas, verifica-se que nos materiais examinados o Sujeito veiculou pouca informação (28%), o que confirma que esse setor da sentença tem baixo teor informativo.

É claro que esses resultados dependem muito do tipo de texto que foi construído. Em textos informais, narrativos, construídos por falantes que se conhecem e que já falaram sobre o assunto, a tendência é omitir o Sujeito com mais frequência. Em textos formais, dissertativos, destinados a falantes que desconhecemos, mantém-se mais o Sujeito, pois de outro lado seria difícil processá-lo.

Os Sujeitos nominais podem ser tanto um sintagma nominal* único, quanto uma seqüência de sintagmas nominais, constituindo-se o "efeito-lista", em que o falante hesita:

Quadro 10: Sintagmas nominais preenchendo a função de Sujeito

	<i>U::ma pessoa</i>	
	<i>um Diretor lá da Folha</i>	<i>certa feita me chamou</i>
<i>E</i>		<i>me incumbiu</i>
<i>De</i>	<i>Ø</i>	<i>escrever sobre televisão</i>

9.2 - Ordem de colocação do Sujeito

Em nossa língua, a expressão que funciona como Sujeito pode antepor-se ou pospor-se ao verbo. No português contemporâneo firma-se a tendência a dispor o Sujeito num lugar rígido, antes do verbo.

De acordo com a Teoria da Articulação Tema-Rema*, o Tema é informacionalmente “velho” e semânticamente “não-específico”, isto é, ele carrega uma informação já conhecida, representada por uma expressão cujo correlato semântico é indefinido. Já o Rema propriamente dito, caso do Objeto direto, indireto e oblíquo, é informacionalmente “novo” e semanticamente específico, isto é, carrega uma informação nova, definida, mencionada pela primeira vez.

Ora, a posição habitual do Tema-Sujeito é antes do Verbo, e a do Rema propriamente dito é depois do Verbo. Quando, por qualquer razão, o falante codifica no Sujeito a informação nova, ele a desloca para a posição pós-verbal, típica dos complementos. Esta questão poderia ser analisada por você, para verificar se seus dados confirmam ou não o que se achou na linguagem dos adultos.

Berlinck (1989) foi atrás da história da ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro. Pesquisando em documentos dos séculos XVIII a XX, ela descobriu que no século XVIII predominou a ordem pós-verbal do Sujeito, enquanto que no século XX predominou a ordem pré-verbal do Sujeito.

9.3 – Omissão do Sujeito

Observando o Português em comparação com outras línguas, observou-se que nossa língua se inclui entre aquelas que permitem a omissão dos argumentos sentenciais, em contraste com as línguas que não omitem argumentos sentenciais.

Para dar-se conta disso, basta construir sentenças simples como “*Vi*” em Inglês (= “*I saw him*”) e em Francês (= “*Je l’ai vu*”). Comparando tais sentenças, você notará que em Português não é obrigatório reter o Sujeito ou o Objeto direto de *Vi*, e mesmo assim a sentença está bem construída, é entendida por qualquer falante. Ora, no Inglês e no Francês seriam inaceitáveis sentenças sem esses argumentos, como em * “*Saw*”, * “*Ai vu*”. Por outras palavras, em nossa língua é possível preencher o lugar dos argumentos do verbo, ou então simplesmente fazer silêncio quando estivermos passando por seu lugar na sentença. O nome técnico para esse silêncio é “categoria vazia” (ou *nula*, *elíptica*, *oculta*). Ao ouvir uma sentença como “*Vi*”, procuramos no discurso anterior quem viu e o quê ou quem foi visto, pois o “silêncio sintático” dispara em nossa mente uma instrução do tipo: “procure por aí os argumentos verbais que não foram expressos”. Bom, a rigor pelo menos o Sujeito não estava faltando, pois ele é indicado como uma primeira pessoa na morfologia de *vi*.

Comparando o Português do Brasil com o Português de Portugal, pesquisadores notaram que a localização da categoria vazia não é idêntica nessas duas variedades: no Brasil omite-se mais o Objeto direto do que o Sujeito, enquanto que em Portugal omite-se mais o Sujeito do que o Objeto direto. Neste particular, cada falante d’aquém e d’além mar ficou na sua.

Tarallo observou que há um apagamento de 34.4% do Sujeito, contra 81.8% do Objeto direto e 59.2% do Objeto indireto. Resultados muito semelhantes foram alcançados por outros autores – mas ainda não sabemos o que você mesmo descobriu. Por exemplo, você poderia comparar a língua falada com a língua escrita em suas estratégias de processamento do Sujeito e dos complementos. Parece que em textos jornalísticos a

retenção dos argumentos é mais acentuada que sua elisão, o que talvez se explique pela função maiormente informativa desse tipo de corpus.

Na literatura recente sobre a elisão do Sujeito, vem-se estabelecendo uma relação entre morfologia verbal rica e omissão do Sujeito, e, ao contrário, morfologia verbal pobre e retenção do Sujeito.

A hipótese é particularmente instigante no caso do Português Brasileiro, pois nossa língua vem "simplificando" sua morfologia. Assim, de um quadro de seis formas verbais (como em *canto, cantas, canta, cantamos, cantais, cantam*), tivemos, com a substituição de *tu* por *você*, e de *vós* por *vocês*, uma redução para quatro formas (visto que *você(s)* leva o verbo para a terceira pessoa), e depois, para três formas, quando se começou a substituir *nós* por *a gente* (que também leva o Verbo para a terceira pessoa). Em consequência, hoje estamos cantando assim:

- eu *canto* (primeira pessoa do singular)
- você / ele / a gente *canta* (segunda e terceira pessoas do singular; primeira pessoa do plural)
- eles *cantam* (terceira pessoa do plural)

Na hora em que se consumar a mudança já iniciada no português popular de *eles* para *eis*, é provável que também a terceira pessoa do plural desapareça, e então teremos só duas formas: *canto* para a primeira pessoa do singular e *canta* para o resto. Se você achar que isso vai bagunçar nossas pobres cabeças, não se preocupe, pois o francês e o inglês já liquidaram faz tempo com as complicações da morfologia verbal, no que diz respeito à expressão da pessoa.

E agora que você pegou gosto pelo assunto, saiba que o Português já ocultou o Sujeito mais do que hoje em dia! Duarte (1993) foi atrás disso, examinando peças teatrais de escritores brasileiros, dos sécs. XIX e XX. Fichando tudo com muita paciência, ela achou os seguintes valores: 80% de Sujeito omitido em 1845, 78% em 1882, 75% e 1918, data a partir da qual cai dramaticamente o percentual, até atingir, em 1992, menos de 30%! Quer dizer, no final do milênio estávamos acabando com a raça do Sujeito

oculto, e preenchemos seu lugar em 70% dos casos! Mas Duarte adverte que ainda mantemos alguns Sujeitos ocultos nas seguintes situações:

- na primeira pessoa do singular, "em orações independentes com verbos simples no presente ou passado, quase sempre precedidos por uma negação, ou com uma locução verbal" (p.119), como em:

(65) *Ø Não posso mais ficar aqui a tarde toda, não, Ø tirei quatro notas vermelhas. Ø Preciso dar um jeito na minha vida.:*

- na mesma pessoa, em orações subordinadas:

(66) *Eu não sei se Ø vou conseguir numa sessão só,*

- na segunda pessoa, nas interrogativas:

(67) *Ø já se esqueceu?*

(68) *Ø falou com ele?*

10. Os complementos

O estudo dos complementos pode seguir o mesmo ritmo adotado para o estudo do Sujeito: (i) com que classes os falantes o constroem, (ii) onde o colocam, se depois ou se antes do verbo, (iii) pode-se omitir os complementos?

10.1 - Classes de preenchimento dos complementos

Duarte (1989) descreveu o Objeto direto num corpus de língua falada, constituído de 40 horas de entrevistas com falantes de São Paulo, originários de três camadas sócio-culturais (curso primário, curso colegial, curso superior) e de três faixas etárias. Ela encontrou quatro processos de preenchimento do Objeto direto:

- Clítico acusativo: apenas 4,9% das ocorrências, como em

(69) *Ele veio do Rio só para me ver. Então eu fui ao aeroporto para buscá-lo;*

- Pronome *ele* acusativo: 15,4% das ocorrências, como em:

(70) *Eu amo meu pai e vou fazer ele feliz;*

- Sintagma nominal: 17,1% das ocorrências:

(71) *Ele vai ver a Dondinha e o pai da Dondinha manda a Dondinha entrar, ele pega o facão...*

(72) *No cinema a ação vai e volta. No teatro você não pode fazer isso;*

- Categoria vazia, ou Objeto direto: 62,6% das ocorrências:

(73) *O Sinhozinho Malta está tentando o Zé das Medalhas a matar o Roque. Mas ele é muito medroso. Quem já tentou matar Ø foi o empregado da Porcina. Ontem ele quis matar Ø, a empregada é que salvou Ø.*

Os resultados de Duarte mostram o seguinte: (i) Falantes que têm o mesmo perfil sociocultural tendem a não preencher o lugar do Objeto direto, optando por sua elipse. (ii) Quando essa função é preenchida, dá-se preferência a um sintagma nominal de núcleo nominal ou de núcleo pronominal, elegendo, neste caso, o pronome *ele*. Isso aponta para o desaparecimento do clítico acusativo *o* no Português do Brasil.

Refletindo sobre os possíveis condicionamentos sociais, Duarte indagou se a idade, a formação escolar, a formalidade / informalidade da situação exerceriam alguma influência na escolha das estratégias de representação do Objeto direto. Ela constatou o seguinte:

- Os clíticos não aparecem entre os falantes jovens, e só começam a ser utilizados à medida que estes progridem em sua formação escolar. Isto aponta para o fenômeno de diglossia: o clítico *o* não é mais aprendido em casa, só mesmo na escola, o que mostra sua debilidade no Português Brasileiro.

- Nas situações mais formais, evita-se o pronome *ele*, e cresce a utilização dos sintagmas nominais, mas de qualquer forma o clítico não é utilizado. Essa é mais uma evidência de que o clítico *o* bate em retirada, resistindo apenas na língua escrita.

Mas Duarte investigou também as atitudes dos falantes diante da possibilidade de escolher pronomes lexicais ou clíticos para Objeto direto. Ela descobriu que os falantes do Português de São Paulo consideram pedante o uso dos clíticos nas situações informais, e estigmatizam o uso do pronome lexical nas situações formais, mesmo que o empreguem no dia-a-dia. Ou seja, *encontrei-o* é pedante, e *encontrei ele* é estigmatizado.

10.2 - Ordem de colocação dos complementos

A colocação habitual dos complementos é depois do verbo, mas em casos especiais podemos movimentar os complementos para a cabeça da sentença, em exemplos como:

(74) *Laranja eu chupo*, em lugar de *Eu chupo laranja* [Objeto direto].

(75) *Ao hóspede deram o pior quarto*, em lugar de *Deram o pior quarto ao hóspede* [Objeto indireto]

(76) *De mais livros, eu preciso*, em lugar de *Eu preciso de mais livros* [complemento oblíquo]

(77) *Lá você não vai*, em lugar de *Você não vai lá* [complemento oblíquo].

Segundo Maria Luíza Braga, os seguintes fatores favorecem a deslocação à esquerda do Objeto direto:

- Objeto direto preenchido por pronome demonstrativo neutro, como em *Isso eu quero*.
- Objeto direto codificador de "*entidades inferíveis e evocadas e apenas secundariamente entidades novas*",
- Objetos diretos que implicam numa retomada de item anteriormente mencionado, o que faz dele um fator de coesão textual.

10.3 – Omissão dos complementos

Vou mencionar apenas a elisão do Objeto direto, retomando as descobertas de Duarte (1989). Entre outras questões, ela se pergunta se haveria condicionamentos sintáticos que expliquem essa elisão. Para trabalhar sua hipótese, a Autora distinguiu as estruturas sentenciais em simples [S+V+OD], [S+V+OD+OI] e complexas [S+V+OD+Predicativo]. Separando os Objetos diretos preenchidos dos não-preenchidos, ela constatou o seguinte:

- Se o falante constrói uma estrutura simples, aumentam as possibilidades de elidir o Objeto direto, o que ocorre em [S+V+OD] (= 62,3% de não-preenchimentos, contra 37.7% de preenchimentos), e em [S+V+OD+OI], como no exemplo (90):

(78) *Conta essa história do seu avô de novo. Você já contou Ø pra ele?*

em que há 78% de omissões, para 22% de preenchimentos.

- Se o falante opta por uma estrutura complexa, aumentam as possibilidades de permanência do Objeto direto, seja por meio do pronome *ele*, seja por meio de uma sentença infinitiva, como em

(79) *Eu não tenho nada pra reclamar não. Eu acho ela sensacional,*

(80) *Ontem ele foi ao cardiologista. Eu já deixei ele ir ao cardiologista sozinho há muito tempo.*

(81) *Eu queria ter uma irmã. Eu acho ter uma irmã tão bom !*

- A idade e a formação escolar não têm a menor importância na omissão do Objeto direto, o que mostra que sua omissão está bem estabelecida na estrutura dessa variedade do Português.

Estudando 453 sentenças da entrevista D2 SP 62, encontrei apenas 17% de Objetos diretos elípticos, contra 82% de Objetos diretos expressos, resultados que se chocam com os de Duarte. Por que será?

A entrevista que examinei integra o corpus do Projeto NURC, cujas entrevistas são tematicamente orientadas, dando-se mais importância à informação do que à interação propriamente dita. Isto pode explicar os resultados obtidos, e, portanto, poderíamos

formular a hipótese de que nos textos mais densos de informação não se omite o Objeto direto. Se você refizer essas pesquisas no seu corpus, e ainda na língua escrita, certamente encontrará outros tantos valores, o que será de interesse para se entender como, nas diferentes situações de uso da língua, mudamos a frequência de preenchimento / não preenchimento das funções sentenciais. Isto significaria também que não há uma só “gramática” do Objeto direto, e sim várias “gramáticas em convivência”, organizadas de acordo com a intensidade (ou a rarefação) da informação, de acordo com o tipo textual, de acordo com... Bom, meta a mão na massa e descubra outras correlações entre o uso dos complementos e fatores condicionantes.

Deslocando agora a reflexão da descrição para a história da língua, Tarallo (1983) comprovou uma continuada queda no preenchimento de Objeto direto, conforma demonstra esse quadro que ele apresenta à pp. 166 e 193 de seu trabalho:

Quadro 11: Frequência de preenchimento do Objeto direto anafórico em cinco momentos históricos

<i>Primeira metade do séc. XVIII</i>	82%
<i>Segunda metade do séc. XVIII</i>	96,2 %
<i>Primeira metade do séc. XIX</i>	83,7%,
<i>Segunda metade do séc. XIX</i>	60,2%
<i>Corpus sincrônico (1982)</i>	18,0%

Esse quadro aponta para o século XX como o momento decisivo para a virada no processamento do Objeto direto: o preenchimento era praticamente obrigatório até a primeira metade do séc. XIX, a partir de então é a categoria vazia que predominará nesse lugar da sentença. Isso certamente tem a ver com a perda progressiva do clítico *o*, cujo desaparecimento na gramática do Português Brasileiro justificaria a preferência pela categoria vazia.

E nas entrevistas que você gravou e transcrever, o que estará acontecendo com o Objeto direto? Que tal fazer um projetinho sobre o lance? Posso assegurar que a sua pesquisa será bem mais proveitosa e divertida do que decorar o respectivo ponto de gramática, entendendo muito pouco, e intercalando bocejos entre uma chatice e a outra.

11. Os Adjuntos

Os Adjuntos têm as seguintes propriedades:

- discursivamente, agregam informações adicionais ao texto,
- semanticamente, operam sobre seu escopo (i) predicando-o, (ii) verificando-o ou (iii) localizando-o no espaço e no tempo,
- sintaticamente, (i) espelham muito de perto os Adjetivos e os Advérbios, podendo ser adnominais ou adverbiais segundo tomem por escopo um N ou um V / Adj / Adv, (ii) desempenham um papel periférico na sentença, visto que não são selecionados pelo verbo e, portanto, não são substituíveis por um pronome pessoal, (iii) deslocam-se no espaço sentencial com mais liberdade que os argumentos.

O processamento dos Adjuntos na língua falada pode ser inspecionado através da repetição de termos sentenciais. No Quadro 12, o termo repetido é gramaticalizado inicialmente como uma Construção de Tópico, regramaticaliza-se sucessivamente como um Adjunto adnominal, Objeto direto, Sujeito, retornando depois à função de Objeto direto e de Adjunto adverbial.

Esse conjunto de gramaticalizações, desgramaticalizações e regramaticalizações de um mesmo item lexical, no caso, *trem*, se torna mais visível se transcrevermos os dados de tal modo que o termo repetido ocupe uma posição central no quadro:

Quadro 12: Repetição e processamento de argumentos e Adjuntos num trecho do D2 SP 255
M/R MC SUJEITO Termo à esquerda de R Termo repetido Termo à direita de R

M	<i>olha</i>			<i>trem...</i> <small>Construção de tópico</small>	
R1		<i>Eu</i>	<i>sou fã</i>	<i>de trem</i> <small>Adjunto adnominal</small>	
R2		<i>Eu</i>	<i>acho</i>	<i>trem</i> <small>Objeto direto</small>	
assim... R3			<i>Eu</i>	<i>escolheria o trem</i>	
R4				<i>no trem</i> <small>Adjunto adverbial</small>	<i>eu acho que há o repouso integral</i>
R5				<i>o trem</i> <small>Sujeito</small>	<i>não tem mobilidade</i>
R6				<i>o trem</i> <small>Sujeito</small>	<i>é mais estável</i>
R7				<i>o trem</i> <small>Sujeito</small>	<i>tem a vantagem sobre o avião (...)</i>
R8		<i>Eu</i>	<i>vou tomar</i>	<i>o trem</i> <small>Objeto direto</small>	

R9 *uma viagem por trem* ^{Adjunto Adverbial} *para mim sempre repousou*
R10 *sempre foi repousante*
M = termo matriz. R = termo repetido. MC = marcador conversacional.

A repetição de toda uma sentença, de que resultam as chamadas "construções em quiasmo" ou "estruturas especulares", correlaciona-se com a deslocação do Adj para a cabeça da sentença, como em

(82) *M já mora muita gente aqui na Cidade Universitária?*
R *aqui na Cidade Universitária já mora muita gente.*

Nesses casos, se o Adj for expreso por um SP, este perde seu núcleo, dando origem ao chamado "Adj sem cabeça", estudado por Freitas (2002):

(83) *beira de córrego não vou mais pescar*, em lugar de *Na beira do córrego não vou mais passear*.

A classe que sofre a adjunção permite distinguir Adjuntos Adnominais de Adjuntos Adverbiais.

11.1 - Adjuntos adnominais

Os Adjuntos Adnominais tomam por escopo um substantivo, predicando-o, classificando-o ou dispondo-o no eixo espaço-temporal. Com base nessa atuação semântica, é possível distinguir três classes de Adjs Adns:

- Adjs adns predicadores
- Adjs adns classificadores
- Adjs adns dêiticos

B) Adjuntos adnominais predicadores

(84) Adjs adns modalizadores
(a) *A causa **real** da crise política são as elites.*
(b) *A causa **provável** / **possível** / **plausível** da crise política são as elites.*
(c) *O recurso **necessário** para isso é a mobilização.*
(d) *you vê rostinhos bonitinhos **simpáticos** olhando para você [DID SP 164].*

(85) Adjs adns quantificadores
(a) *aqui a saída **normal** / **habitual** / **semanal** é nas quintas-feiras.*
(b) *a posição **ideológica** dos partidos do Ocidente se complicou muito após a queda do muro de Berlim.*

(c) *you não pode ter essa avaliação **pessoal** neste caso [D2 SP 343].*

(86) Adjs adns qualificadores

(a) *no oriente há um símbolo **clássico**... a serpente que morde a própria cauda (EF SP 124: 418).*

(b) *O Brasil anda cheio de **meias** verdades.*

(c) *Esse Presidente exhibe uma **relativa** disposição para com os descamisados.*

(d) *e as moças... usavam vestidos mais ou menos **longos**... para os bailes (D2 SP 396: 68).*

(e) *os musicais fazem um sucesso **tremendo** (DID SP 161: 503).*

B) Adjuntos adnominais classificadores

(87) Pátrios ou gentílicos

(a) *Pioraram as relações **franco-americanas**.*

(b) *Mais da metade da população **paulista** reside no interior do Estado.*

(c) *A indústria **asiática**, mais propriamente a **chinesa**, entrou com tudo na globalização.*

(d) *As populações **indígenas** reclamam seus direitos com grande vigor.*

(e) *A humanidade se divide em povos **amarelos, brancos, pretos**.*

C) Adjs adns dêiticos

Esses Adjuntos localizam o substantivo a que se referem numa perspectiva espacial ou temporal:

(88) Dêiticos

(a) *tempo **atual***

(b) *pagamento **semanal***

(c) *mês **próximo**, mês **passado***

(d) *situação **precedente***

11.2 - Adjuntos adverbiais

Os Adjuntos Adverbiais tomam por escopo um Adjetivo ou um Advérbio:

(89) *Você está **quase** certo.*

(90) *Você agiu **muito** acertadamente.*

Tais como os Advs e os Pronomes circunstanciais, os Adjuntos adverbiais desempenham três grandes funções, de onde inferimos sua tipologia:

- predicam seu escopo, atribuindo-lhe uma propriedade semântica nova: Adjuntos adverbiais modalizadores, qualificadores e quantificadores;
- verificam a veracidade expressa por seu escopo: Adjuntos adverbiais de afirmação, negação e focalização;
- situam seu escopo numa perspectiva locativa ou temporal: Adjuntos adverbiais locativos e temporais.

Segue-se uma exemplificação dos Adjs adns de acordo com essa tipologia.

A) Adjuntos adverbiais predicadores

(91) Adj Adv qualificadores

- (a) *Discutiu **francamente** seu problema. Discutiu **com franqueza** seu problema*
(b) *a coisa **mais** fácil é comprar qualquer coisa... agora... sustentar (...) é que são elas. [D2 SSA 98]*
(c) *espero não ter problemas com elas porque... nós mantemos **assim** ... um diálogo bem aberto... sabe? [D2 SP 360]*
(d) *Temos duas orelhas, dois olhos, mas uma só boca: logo, falar **muito** é asneira*
(e) *Procure **bastante**, está por aí.*
(f) *o que vai acontecer é que eu vou pagar **um pouquinho** menos [D2 RJ 355]*

(92) Adj Adv modalizadores

- (a) ***Provavelmente** hoje vai chover*
(b) *precisa **realmente** estar convencido de tudo*
(c) ***felizmente** essa fase ainda não começou*
(d) *nosso produto nacional é... eu acho... **sem dúvida nenhuma** a mulata*
(e) *comascrianças...necessitandodagente nãoopodeprecisarmesmo...**comcerteza** [D2 SP 360]*
(f) *agora outro tipo de escola que **talvez** não tenha esse objetivo... [DID SSA 231]*
(g) *toda e qualquer cirurgia... no campo médico... (...) implica **obrigatoriamente** em despesas. [DID REC 131]*
(h) ***francamente** ... essas atitudes me desconcertam.*

(93) Adj Adv quantificadores

- (a) ***Às vezes**, ela fica em casa.*
(b) ***Sempre** o carnaval dá mais preocupação.*
(c) ***Muitas vezes** repeti que este assunto não era fácil.*
(d) *vão ao cinema **todas as manhãs**.*

B) Adjuntos adverbiais não-predicadores de verificação

(94) Adj Adv de afirmação

- (a) *Expliquei, **sim**, que não aceitaria aquele encargo.*
(b) *Mas **claro**, será que você ainda não entendeu?*

(95) Adj Adv de negação

- (a) *A ordem **não** foi executada.*
(b) *eu pelo menos desisti, **não** se toca mais no assunto*
(c) *ela está com três anos e pouco e ainda não fala... então ela faz reeducação... reeducação **não**... exercícios [D2 SP 360]*
(d) *Loc. 1 – que te aconteceu ontem à noite ?
Loc. 2 – bem... **não**... um ladrão me ameaçou com um revólver...*
(e) ***Não** falei coisa alguma /nada disso*
(f) ***Não** falei **bulhufas** / lhufas*
(g) ***Não** falei **coisa nenhuma** /**merda nenhuma** / **porra nenhuma**.*

Observe-se que em (95 a-b) nega-se o conteúdo da proposição, ou negação *de re*; em (95 c), nega-se o vocábulo inicialmente escolhido, um caso de negação *de dictu*,

enquanto que em (95 d) ocorreu uma negação psicopragmática, ou seja, o falante negou seu pensamento, ainda não verbalizado. De (95 e) a (95 g) ocorreu a negação bipolar, em que se observa a estrutura [Neg V Neg].

(96) Adj Adv de inclusão / exclusão

- (a) *aquela artista magrinha de televisão... aquela moreninha que é bailarina **também**...eh* [DID SP]
- (b) *mas **até** a comunicação de quem mora em Olinda é um pouco diferente de quem mora em Recife* [D2 REC 05]
- (c) **Fora** você, o resto da turma foi aprovada
- (d) *Deu tudo certo, **exceto** o que deu errado.*

(97) Adj Adv de focalização

- (a) *um médico era **só** médico o engenheiro era **só** engenheiro...pelo menos naquela altura.* [D2 SP 360]
- (b) *não é **bem** restaurante... é lanchonete mesmo.*[DID RJ 328]
- (c) *cuidaram da sinalização... **inclusive** da sinalização vertical.*
- (d) *são **autenticamente** brasileiros*
- (e) *queria falar **justamente** a respeito disso*

C) Adjuntos adverbiais não-predicadores locativos e de tempo

(98) Adjuntos adverbiais locativos

- (a) *Estamos **aqui** em São Paulo*
- (b) *Ele anda por **aí**, sem rumo certo*

(99) Adjuntos adverbiais de tempo

- (a) *te encontro logo **à noite**.*
- (b) *Cheguei aqui **anteontem**.*
- (c) ***pela altura /naquela época**, eu achava que iria ficar rico*
- (d) ***Naquele dia**, eles me levaram...*
- (e) ***Sábado e domingo** eu não gosto de passar sem dinheiro.*

12. Chegando aos finalmentes

Bom, chegou a hora de concluir... este começo de reflexão sobre a língua portuguesa. Neste trabalho, propus que se principie a reflexão gramatical pelo estudo da interação conversacional e do texto que daí resulta. E como a língua falada é uma modalidade privilegiada para a inspeção dos processos e dos produtos da língua, elegi esta modalidade para a aplicação desta proposta.

Em sua essência, ela mostra que um recorte de língua qualquer não se limita a oferecer materiais para a reflexão centrada exclusivamente na gramática (classes de palavras, sintagmas, sentenças). Há muito com o que aprender no domínio do texto e da semântica. Além do mais, como demonstraram Jubran-Urbano et alii (1992: 396), "a

descrição gramatical dos fenômenos de um texto oral é apenas uma das descrições possíveis, e não a única ou a mais relevante". Isto implica em que análises alternativas devem ser continuamente buscadas.

Estou convicto de que esta proposta

- valoriza o cidadão, pois ele toma sua própria linguagem como ponto de partida para as reflexões, deslocando-se daqui para as outras modalidades de Português, até atingir o requinte da língua literária,
- muda a relação professor-aluno, transformando as aulas em momentos de descoberta científica,
- coloca o texto como um ponto de partida, de que a sentença será o ponto de chegada,
- divulga achados sobre a Língua Portuguesa constantes de pesquisas recentes, e, mais que tudo,
- liquida de vez a mania redutora e excludente de reduzir as aulas de Português a uma questão de certo / errado.

Por outro lado, a proposta permite afirmar que os processos lingüísticos estão conectados a Princípios gerais, cujas pistas são identificáveis na conversação, no texto e na sentença. O seguinte quadro-resumo reúne e articula num plano integrado os processos e os produtos com os quais andamos lidando.

Quadro 13: Plano integrado para a reflexão sobre a Língua Portuguesa, começando pela língua falada

<i>PROCESSOS</i>	<i>PRODUTOS</i>		
	Conversação	Texto	Sentença
Princípio de Projeção: ativação de propriedades	Turnos e marcadores conversacionais	Unidades discursivas e seus nexos	Itens lexicais, sintagmas, estrutura argumental, conjunções
Princípio de Correção: reativação de propriedades	Auto e hétero-correção	Repetição e paráfrase	Repetição e construção dos constituintes, atribuição de funções sentenciais
Princípio da Categoria Vazia: desativação de propriedades	Despreferência conversacional	Digressões e parênteses	Anacolutos, elipses, rupturas na ordem de adjacência

Na conversação, o ser humano busca o tempo todo interagir com o outro, chamando-o para a arena verbal, informando-o sobre conteúdos, expondo seus sentimentos e suas emoções, buscando compartilhar sua experiência de vida, para compará-la com a do

outro, avançando nesse interesse, tornando atrás, abandonando estratégias, desenvolvendo na plenitude sua humanidade, graças ao dom da língua.

Enquanto fala, ele faz revelações sobre como está processando seu texto, cujas palavras às vezes esclarece, e cujas estratégias com frequência negocia, numa busca incessante de comunhão.

A conversa, portanto, é uma réplica da vida. E o que é a vida, senão uma busca? Uma busca do conhecimento, em que todos somos aprendizes, alguns mais experimentados, outros dando seus primeiros passos. Por que, então, uma busca tão densa de intercâmbio, não pode ser uma atividade prazerosa, que nos encha de inspiração a todos nós, alunos e professores? Será mesmo certo que as aulas de Português precisem ser necessariamente uma coisa chata?

Espero que estas observações propiciem momentos de excitação intelectual e afetiva. A língua falada aí está, plena de lições de uma e outra ordem, para ser examinada pelos espíritos efetivamente movidos pela curiosidade. Procurei mostrar aqui que a mente humana cria por meio de escassos três processos, recolhidos no quadro acima, uma riqueza espantosa de expressões lingüísticas, tão distintas em sua aparência, tão regulares em seus fundamentos. E se minha escritura foi suficientemente clara, você poderá encontrar aqui seu caminho para a reflexão.

13. Novas perguntas, para o povo do “quero mais”

Amplie suas reflexões sobre a língua portuguesa trabalhando num dos seguintes temas:

1 – Sintagma nominal de núcleo pronominal: pronomes pessoais

Introdução: estatuto categorial dos pronomes pessoais e formato do SN.

1. Gramaticalização dos pronomes pessoais: formação do quadro de pronomes tônicos e átonos, do latim vulgar ao português. (Tabela 1: frequência de ocorrência).
2. A variação *você / tu* no sistema pronominal (Tabela 2).
3. A variação clítico acusativo *o / ele* acusativo / \emptyset . (Tabela 3).

Leituras suplementares: Maria Eugênia Lamoglia Duarte - Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Em: Fernando Tarallo (Org. 1989). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Editora Pontes, pp. 19-33. Lorenzo Vitral / Jânia Ramos – Gramaticalização de *ocê*: um processo de perda de informação semântica? *Filologia e Linguística Portuguesa* 3: 55-88,1999. Jânia Ramos – O surgimento de um novo clítico no português brasileiro: análise quantitativa e qualitativa da forma *çê*. Em: E. Gärtner / C. Hundt / A. Schönberger (Eds. 2000). *Estudos de Gramática Portuguesa III*. Frankfurt am Main: TFM, pp. 181-190. Heloísa Maria M. M. Penna – O emprego de *ele*-acusativo: do português brasileiro ao latim. Em M. A. A. M. Cohen / J. Ramos (Orgs. 2002: 67-82).

2 – Sintagma nominal de núcleo pronominal: pronomes demonstrativos

Introdução: estatuto categorial dos pronomes demonstrativos e formato do SN.

1. Gramaticalização dos demonstrativos: formação do quadro de pronomes do latim vulgar ao português. (Tabela 1: frequência de ocorrência de todos os demonstrativos).
2. Dêixis, anáfora e organização do sistema ternário: ocorrências de *este / esse / aquele*. Nota-se tendência de redução a apenas dois itens? (Tabela 2).
3. O sistema dos neutros *isto / isso / aquilo* na retomada fórica: retomada de sentenças x retomada de segmentos textuais. (Tabela 3).

Leituras suplementares: Ataliba T. de Castilho - Os mostrativos no português falado. Em: A. T. de Castilho (Org. 1993: 119-148). Helcius Batista Pereira (2005). *'Esse' versus 'este' no Português Brasileiro e no Europeu*. São Paulo: FFLCH, USP, diss de mestrado.

3 - Sintagma nominal de núcleo pronominal: pronomes possessivos

Introdução: estatuto categorial dos pronomes possessivos e formato do SN.

1. Gramaticalização dos possessivos: formação do quadro de pronomes tônicos e átonos, do latim vulgar ao português, explicando as alterações fonológicas. (Tabela 1: frequência de ocorrência de todos os possessivos encontrados).
2. A variação pronomes possessivos / sintagmas preposicionados possessivos: *meu ~ de mim, teu ~ de ti, seu ~ dele* (Tabela 2).
3. Particularidades da variação *seu / dele*: reanálise de *seu* como pronome de segunda pessoa (Tabela 3).

4 – Sintagma nominal de núcleo nominal: estrutura argumental dos nomes abstratos e deverbais

Introdução: estatuto categorial do nome substantivo e formato do SN.

1. Nomes substantivos argumentais x nomes substantivos não argumentais (Tabela 1).
2. Estruturas argumentais dos nomes deverbais e dos nomes abstratos (Tabela 2).
3. Preenchimento dos lugares argumentais nos Nomes biargumentais. (Tabela 3).

5 – Sintagma verbal simples: estrutura argumental do verbo

Introdução: estatuto categorial do verbo e formato do SV.

1. Estruturas do SV (Quadro 1: E1 → [V]; E2 → [V + SN]; E3 → [V + SP]; E4 → [V + SAdj / Sadv]; E5 → [V + S]. (Tabela 1: identificação da estrutura sintagmática preferida).
2. Estruturas argumentais da sentença: Ss não-argumentais, monoargumentais, biargumentais, triargumentais. (Tabela 2: identificação da estrutura argumental preferida).
3. O português como língua nominativo-acusativa.

6 – Sintagma verbal simples: verbos apresentacionais existenciais

Introdução: estatuto categorial do verbo e formato do SV.

1. Conceito de verbos apresentacionais existenciais
2. Sintaxe do verbo *ser* monoargumental apresentacional
3. Sintaxe dos verbos *haver*, *ter* e *existir* apresentacionais

Leitura suplementar: Carlos Franchi / Esmeralda Vailati / Evani Viotti – Sobre a gramática das orações impessoais com *ter* / *haver*. *D.E.L.T.A.* 14 (número especial): 105-131, 1998.

7 – Os verbos *ter* e *haver* como verbos plenos

Introdução: estatuto categorial do verbo e formato do SV; fases de gramaticalização dos verbos.

1. Gramaticalização de *ter* e *haver*. (Tabela 1: produtividade dos usos possessivos e existenciais).
2. *Ter* e *haver* possessivos: traços semânticos do possuidor. (Tabela 2: possuidor /+animado/ versus possuidor /-animado/).
3. *Ter* e *haver* existenciais: posição pré e pós-verbal dos locativos, de acordo com sua representação gramatical (Tabela 3).

Leituras suplementares: Carlos Franchi / Esmeralda Vailati Negrão / Evani Viotti – Sobre a gramática das orações impessoais com *ter* / *haver*. *D.E.L.T.A.* 14 (número especial): 105-131, 1998. Dinah Callou / Juanito O. Avelar – Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá* 9: 85-100, 2001. Ilza Ribeiro – A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. Em Roberts / Kato (Orgs. 1993: 343-386). Rosa Virgínia Mattos e Silva – Vitórias de *ter* sobre *haver* nos meados do séc. XVI: usos e teorias em João de Barros. Em Mattos e Silva e Machado Filho (Orgs. 2002: 120-142).

8 – Os verbos *ter* e *haver* como verbos auxiliares

Introdução: estatuto categorial do verbo e formato do SV; fases de gramaticalização dos verbos.

1. Auxiliarização de *ter* e *haver* + *-do* e a formação dos tempos compostos do passado. Os verbos *ter* e *haver* + *-do* na formação do pretérito perfeito composto. (Tabela 1: produtividade desses auxiliares).
2. Os verbos *ter* e *haver* + *-do* na formação do pretérito mais-que-perfeito composto. (Tabela 2: produtividade desses auxiliares).
3. Comparação dos resultados obtidos.

Leituras complementares: Ataliba T. de Castilho (1967). *A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português*. Marília: FFCL [Coleção Estudos n. 12]. Ilza Ribeiro – A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. Em Roberts / Kato (Orgs. 1993: 343-386). Rosa Virgínia Mattos e Silva – Vitórias de *ter* sobre *haver* nos meados do séc. XVI: usos e teorias em João de Barros. Em Mattos e Silva e Machado Filho (Orgs. 2002: 120-142).

9 – Os verbos *ser* e *estar* como verbos plenos

Introdução: estatuto categorial do verbo e formato do SV; fases da gramaticalização dos verbos.

1. Gramaticalização de *ser* e *estar*. (Tabela 1: produtividade dos usos locativos, atributivos e equativos).
2. *Ser* e *estar* locativos e a representação gramatical dos locativos: pronomes circunstanciais / sintagmas preposicionados / sintagmas nominais / \emptyset (Tabela 2).
3. *Ser* e *estar* atributivo e a representação gramatical do predicativo: sintagmas adjetivos (Tabela 3).
4. *Ser* e *estar* equativo e a representação gramatical do termo equativo: sintagmas nominais (Tabela 4).

Leituras suplementares: Verena Kewitz (2002). *Gramaticalização de ser e estar no período medieval e no século XIX*. São Paulo: FFLCH / USP, Dissertação de Mestrado. Célia Maria Moraes de Castilho (2005). *O Processo de Redobramento Sintático no Português Medieval. Formação das perífrases com estar*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, tese de doutoramento.

10 – Os verbos *ser* e *estar* como verbos auxiliares

Introdução: estatuto categorial dos verbos e formato do SV; fases de gramaticalização dos verbos.

1. Auxiliarização de *ser* + *-do* e formação da passiva perifrástica.
2. Auxiliarização de *estar* + *-do* e formação do resultativo perifrástico.
3. Auxiliarização de *estar* + *-ndo* e formação do imperfectivo perifrástico

Leituras suplementares: Verena Kewitz (2002). *Gramaticalização de ser e estar no período medieval e no século XIX*. São Paulo: FFLCH / USP, Dissertação de Mestrado. Ronald Beline Mendes (1999). *A gramaticalização de estar + gerúndio no Port. Falado*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Diss. de Mestrado. Ronald Beline Mendes (2004). *Perífrase de estar e variação linguística*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, tese de doutoramento. Célia Maria Moraes de Castilho (2005). *O Processo de Redobramento Sintático no Português Medieval. Formação das perífrases com estar*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, tese de doutoramento.

11 - Sintagma adjetival predicativo

Introdução: estatuto categorial do adjetivo; formato do SAdj.

1. Estruturas do SAdj predicativo e sua produtividade (Tabela 1: E1 → [Adj]; E2 → [Esp + Adj]; E3 → [Adj + Complementador]; E4 → [Esp + Adj + Comp]).
2. Ordem de figuração do Adj predicativo em relação ao N (Tabela 2: N-Adj x Adj-N). A ocorrência de "sanduíches adjetivais" (Adj-N-Adj).
3. Funções do Sadj:
 - 3.1 - SAdj como constituinte do SN, funcionando como Adjunto Nominal (Tabela 3).
 - 3.2 - SAdj como constituinte do SV, funcionando como minioração, predicando os argumentos (Tabela 4: Predicativo do Sujeito, predicativo do objeto).
 - 3.3 - SAdj como hiperpredicador da S, em casos como "*Real, aquela ameaça assustou a todos*".

Leituras suplementares: João Malaca Casteleiro (1981). *Sintaxe Transformacional do Adjetivo*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Ataliba T. de Castilho / Célia Maria Moraes de Castilho (1993). Adjetivos Predicativos. *Letras 5*: janeiro-junho, 121-140. Ataliba T. de Castilho / Célia Maria Moraes de Castilho (2002) Adjectival hedges in Brazilian Spoken Portuguese. Em: Brigitte Schlieben-Lange, Ingedore Villaça Koch, Konstanze Jungbluth (Hrsg. 2002). *Dialog zwischen den Schulen. Soziolinguistische, konversationanalytische und generative Beiträge aus Brasilien*. Münster: Nodus Publikationen, pp. 181-191. Ana Lúcia Muller / Esmeralda Vailati Negrão / Gelza Nunes-Pemberton – Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores? Em M.B.M.Abaurre / A.C.S. Rodrigues (Orgs. 2002: 317-344). Geralda F. S. Rodrigues – Sobre a ordem em miniorações e a noção de incorporação. Em: M.A.A. Cohen / J. Ramos (Orgs. 2002: 131-140). Sobre os adjetivos não-predicativos, ver José Luiz Fiorin – Adjetivos temporais e espaciais. Em M.B.M.Abaurre / A.C.S. Rodrigues (Orgs. 2002: 59-82).

12 – Estrutura argumental dos adjetivos

Introdução: estatuto categorial dos adjetivos e as subclasses Adjs predicativos x Adjs não predicativos; estrutura do SN.

4. Adjetivos argumentais x adjetivos não argumentais (Tabela 1).
5. Estruturas argumentais dos adjetivos deverbais (Tabela 2).
6. Preenchimento dos lugares argumentais dos adjetivos argumentais. (Tabela 3).

Leitura suplementar: Léa Gamarski – Efeitos da morfologia sobre a estrutura argumental: adjetivos deverbiais em *-nte*. Em I. G. V. Koch (Org. 1996). *Gramática do Português Falado*, vol. VI, pp. 393-414.

13 - Sintagma adverbial predicativo

Introdução: estatuto categorial do advérbio e as subclasses adverbiais: Adv predicativos x Adv não-predicativos; formato do SAdv.

1. Os SAdv Modalizadores (Tabela 1).
2. Os SAdv Qualificadores (Tabela 2).
3. Os SAdv Quantificadores (Tabela 3).

Leituras suplementares: Rodolfo Ilari et alii - Considerações sobre a posição dos advérbios. Em A. T. de Castilho (Org. 1990, pp. 63-142). Ataliba T. de Castilho e Célia Maria Moraes de Castilho (1992). Advérbios modalizadores. Em Ilari (Org. 1992: 213-260). Ataliba T. de Castilho (1999). Advérbios de predicação quantificadora, em L.P. Duarte (Org. 1999). *Para sempre em mim. Homenagem à Professora Ângela Vaz Leão*. Belo Horizonte, pp. 96-113. Idem (1999). Advérbios qualificadores no português falado. *Boletín de Filología – Homenaje a Ambrosio Rabanales*. Santiago de Chile, vol. XXXVII, pp. 221-290.

14 - Sintagma preposicionado: preposições mais gramaticalizadas

Introdução: estatuto categorial das preposições; formato do SP. Estudo das preposições mais gramaticalizadas: *a / para / em, de, por*.

1. Preposições introdutoras de argumento. Ordem de colocação em relação ao verbo (Tabela 1: produtividade das preposições acima nesse ambiente). (Tabela 2: a colocação [SP – V] / [V – SP] dos SPs argumentais).
2. Preposições introdutoras de Adjuntos adverbiais. (Tabela 3: produtividade das preposições nesse ambiente). (Tabela 4: colocação dos Adjuntos adverbiais preposicionados nos seguintes ambientes: [SVO], [S VO], [SV O], [SVO]).
3. Movimento dos SPs-argumento e dos SPs-Adjuntos: síntese dos capítulos anteriores.
4. Os SPs “sem cabeça”: há casos de omissão da preposição no SP deslocados à esquerda da sentença, como em “domingo, eu gosto de passear no Ibirapuera”, “isso eu gosto”? Correlação com as funções sentenciais em que isso acontece.

Leituras suplementares: Ataliba T. de Castilho / Mário Viaro / Nanci Romero / Rafael Coelho / Tasso A. C. dos Santos / Marcelo Módolo / Verena Kewitz (2002) – Gramaticalização de algumas preposições no português brasileiro do século XIX, texto disponível em www.filch.usp/dlcv/lport. Maura F. Rocha (1996). Adjuntos sem cabeça no português do Brasil. Em A. T. de Castilho / M. Basílio (Org. 1996, pp. 341-378).

15 - Sintagma preposicionado: preposições menos gramaticalizadas

Introdução: estatuto categorial das preposições; formato do SP. Estudo das preposições menos gramaticalizadas: *sob / sobre, desde, ante / após, sem, entre*.

1. Preposições introdutoras de argumento. Ordem de colocação em relação ao verbo (Tabela 1: produtividade das preposições acima nesse ambiente. (Tabela 2: [SP – V] / [V – SP]).
2. Preposições introdutoras de Adjuntos adverbiais. (Tabela 3: produtividade das preposições nesse ambiente). (Tabela 4: colocação nos seguintes ambientes: [SVO], [S VO], [SV O], [SVO]).
3. Movimento dos SPs-argumento e dos SPs-Adjuntos: síntese dos capítulos anteriores.

Leituras suplementares: Ataliba T. de Castilho / Mário Viaro / Nanci Romero / Rafael Coelho / Tasso A. C. dos Santos / Marcelo Módolo / Verena Kewitz (2002) – Gramaticalização de algumas preposições no português brasileiro do século XIX, texto disponível em www.filch.usp/dlcv/lport. Maura F. Rocha (1996). Adjuntos sem cabeça no português do Brasil. Em A. T. de Castilho (Org. 1996) *Gramática do Português Falado*, vol.4. Campinas, Editora da Unicamp/Fapesp, pp. 341-378.

16 - O Sujeito.

Introdução: conceito de Sujeito.

1. Classes de preenchimento do Sujeito: N, PRO, S, Ø. Formato do SN^{Sujeito} (Tabela 1).
2. Tipos estruturais do SN^{Sujeito}: E1 [N], E2 [Esp +N], E3 [N+ Comp], E4 [Esp + N + Comp]. (Tabela 2: estudo da frequência, interpretação dos achados).
3. Sujeito nulo: competição entre Sujeito preenchido e Sujeito nulo (Tabela 3).
4. Ordem de colocação SV/VS, em correlação com a classe preenchedora (Tabela 4).

Leituras suplementares: para uma bibliografia, A.T. de Castilho - O Português do Brasil. Em Rodolfo Ilari - *Linguística Românica*. Idem - A elipse do Sujeito no português culto falado em São Paulo, *Estudos Linguísticos* [Anais do GEL] 14: 1987, 32-40.

17 - O Objeto direto.

Introdução: conceito de Objeto direto.

1. Classes de preenchimento do OD: N, PRO, S, Ø. Formato do SN^{Objeto Direto} (Tabela 1).
2. Tipos estruturais do SN^{Objeto Direto}: E1 [N], E2 [Esp +N], E3 [N+ Comp], E4 [Esp + N + Comp]. (Tabela 2: estudo da frequência, interpretação dos achados).
3. Ordem de colocação VO/OV, em correlação com a classe preenchedora (Tabela 3).
4. Complemento nulo: competição entre o complemento preenchido o complemento nulo (Tabela 4).

Leitura suplementar: Maria Eugênia Lamoglia Duarte - Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Em F. Tarallo (Org. 1989) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Editora Pontes, pp. 19-33.

18 - Adjuntos adverbiais de tempo e de lugar

Introdução: gramaticalização dos pronomes circunstanciais de tempo e de lugar.

1. Quadro geral do preenchimento do Adjunto adverbial de tempo: PROs circunstanciais versus SPs. (Tabela 1).
2. Colocação dos Adjuntos advs. de tempo na sentença: [SVO], [S VO], [SV O], [SVO]. (Tabela 2).
3. Colocação dos Adjuntos advs. de lugar na sentença: [SVO], [S VO], [SV O], [SVO]. (Tabela 3).
4. Mobilidade comparativa desses Adjuntos.

Leitura suplementar: Maria Helena Moura Neves - Os Advérbios circunstanciais de lugar e tempo. Em: Rodolfo Ilari (Org. 1992, pp. 261-296).

19 - Coordenadas aditivas

Introdução: gramaticalização das conjunções aditivas. A coordenação como processo de relacionamento sintático.

1. Produtividade das conjunções coordenativas.
2. Aditivas intrassintagmáticas ("*Estes e aqueles alunos de Português chegaram*"). Quais são os constituintes do mesmo sintagma mais suscetíveis de coordenação? [Esp + Núcleo]? [Núcleo + Complementadores]?
3. Aditivas intersintagmáticas ("*Meninas de patins e garotos de bicicleta passeavam pelo parque*"). Quais são os sintagmas mais suscetíveis de coordenação ?
4. Aditivas intersentenciais.
5. Aditivas textuais.

Leituras suplementares: Lygia Correa Dias de Moraes - *Nexos de Coordenação na Fala Culta de São Paulo*. Tese de Doutorado, USP, 1987. Roberto Gomes Camacho – Estruturas coordenadas aditivas. Em: Neves (Org. 2000, pp. 351-405).

20 - Coordenadas adversativas

Introdução: gramaticalização das conjunções adversativas, agrupando adversativas de base adverbial / preposicional / nominal quantificada. A coordenação como processo de relacionamento sintático.

1. Produtividade das conjunções adversativas: *mas, porém, contudo, todavia, entretanto*.
2. Conjunções sentenciais.
3. Conjunções textuais.

Leituras suplementares: Ataliba T. de Castilho - Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Linguística Portuguesa* 1: 107-120, 1997. Hudinilson Urbano – O seu trabalho está bom, mas... *D.E.L.T.A.* 14 (número especial): 269-276, 1998.

21 - Coordenadas alternativas

Introdução: gramaticalização das conjunções alternativas. A coordenação como processo de relacionamento sintático.

1. Alternativas intrassintagmáticas.
2. Alternativas intersintagmáticas.
3. Alternativas intersentenciais.

Leituras suplementares: Roberto Gomes Camacho e Erotilde G. Pezzati – Repetição e coordenação. *D.E.L.T.A.* 14 (número especial): 73-90, 1998. Erotilde G. Pezzati – Estruturas coordenadas alternativas. Em: Neves (Org. 2000, pp. 407- 441).

22 - Subordinadas completivas

Introdução: gramaticalização das conjunções integrantes. A subordinação substantiva como processo de relacionamento sintático.

1. Tipologia do verbo da sentença matriz.
2. Estratégias de encaixamento da completiva na matriz: co-ocorrência de completivas conjuncionais (queísmo e dequeísmo) x completivas não-conjuncionais.
3. Completivas conjuncionais subjetivas e objetivas.
4. Funções das completivas conjuncionais objetivas: OD, OI.

Leituras suplementares: Evanildo Bechara - *Lições de português pela análise sintática*, cap. XII. Maria Cecília Mollica (1995). *(De) que falamos ?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ. Célia Maria Moraes de Castilho Célia Maria (2004). A diacronia do dequeísmo: o clítico locativo medieval *en* e o dequeísmo nas orações relativas. *Linguística* 15 / 16: 123-160, 2003 / 2004.

23 - Subordinadas relativas

Introdução: gramaticalização dos pronomes relativos (perda de *cujo*, alterações no uso contemporâneo de *onde*, generalização de *que*). A subordinação relativa como processo de relacionamento sintático.

1. Função sintática do SN relativizado. Traços semânticos desse SN.
2. Diacronia das relativas padrão ("*o aluno cujo pai está aí*").
3. Diacronia das relativas cortadoras ("*o aluno que o pai está aí*").
4. Diacronia das relativas copiadoras ("*o aluno que o pai dele está aí*").

Leituras suplementares: para um balanço da bibliografia, Ataliba T. de Castilho - O Português do Brasil. Em: Rodolfo Ilari - *Linguística Românica*. Fernando Tarallo (1976). *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania, PhD Thesis.

24 - Subordinadas adverbiais temporais conjuncionais e não-conjuncionais

Introdução: gramaticalização das conjunções temporais. A subordinada adverbial temporal como processo de relacionamento sintático por adjunção.

1. Produtividade das conjunções temporais (Tabela 1).
2. Estratégias de adjunção à sentença nuclear: co-ocorrência de adverbiais temporais conjuncionais x não-conjuncionais (Tabela 2).
3. Graus de integração / gramaticalização da adverbial temporal na sentença nuclear, verificados a partir das seguintes propriedades: (i) mobilidade da temporal em relação à nuclear: anteposição, posposição, intercalação [mobilidade maior → integração ou gramaticalização menor, pois a temporal está preservando sua propriedade de Adjunto; mobilidade menor → integração ou gramaticalização maior, pois a sentença está perdendo sua propriedade de Adjunto]; (ii) compartilhamento do Sujeito com a sentença nuclear [Sujeito mais compartilhado, podendo ser \emptyset , indica integração maior. (iii) correlação modo-temporal com o verbo da sentença nuclear [correlação maior aponta para uma dependência maior da nuclear, e portanto a temporal estará mais integrada]. (Reunir todos os achados na Tabela 3).

Leituras suplementares: Maria Helena de Moura Neves & Maria Luiza Braga (1998). Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. *D.E.L.T.A.* 14 (número especial), 191-208. Maria Luiza Braga – Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. Em: Neves (Org. 2000, pp.443-459). Andréa Mendes "Orações complexas de tempo no Port. Escrito do Brasil" (UFRJ, 2003);

25 - Subordinadas adverbiais causais conjuncionais e não-conjuncionais

Introdução: gramaticalização das conjunções causais. A subordinada adverbial causal como processo de relacionamento sintático por adjunção.

1. Produtividade das conjunções causais (Tabela 1).
2. Estratégias de adjunção à sentença nuclear: co-ocorrência de adverbiais causais conjuncionais x não-conjuncionais (Tabela 2).
3. Graus de integração ou gramaticalização da adverbial causal na sentença nuclear, verificados a partir das seguintes propriedades: (i) mobilidade da causal em relação à nuclear: anteposição, posposição, intercalação [mobilidade maior → integração menor, pois a sentença está preservando sua propriedade de Adjunto; mobilidade menor → integração maior, pois a sentença está perdendo sua propriedade de Adjunto]; (ii) compartilhamento do Sujeito com a sentença nuclear [Sujeito mais compartilhado, podendo ser \emptyset , indica integração maior. (iii) correlação modo-temporal com o verbo da sentença nuclear [correlação maior aponta para uma dependência maior da nuclear, e portanto a causal estará mais integrada]. (Reunir todos os achados na Tabela 3).
4. Usos de *porque* como nexos textuais.

Leitura suplementar: Maria Helena Moura Neves – As construções causais. Em: Neves (Org. 2000, pp.496).

26 - Subordinadas adverbiais condicionais conjuncionais e não-conjuncionais

Introdução: gramaticalização das conjunções condicionais. A subordinada adverbial condicional como processo de relacionamento sintático por interdependência.

1. Co-ocorrência das adverbiais condicionais conjuncionais e não-conjuncionais (Tabela 1).
2. Condicionais com verbo no Indicativo.
3. Condicionais com verbo no Subjuntivo. (Reunir os achados dos dois últimos itens na Tabela 2).

Leituras suplementares: Judit Tapazdi e Giampaolo Salvi – A oração condicional no português falado em Portugal e no Brasil. *D.E.L.T.A.* 14 (número especial): 255-267, 1998. Maria Helena Moura Neves (1999). As

construções condicionais. Em Neves (Org. 1999: 497-544). Celso Kobashi (2004). *Língua Falada - a ordem no período condicional no Port. Pop. Brasileiro: implicações semânticas e gramaticalização*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Diss. de Mestrado.

27 – Subordinadas adverbiais concessivas

Introdução: gramaticalização das conjunções concessivas. A subordinada adverbial concessiva como processo de relacionamento sintático.

1. Esquemas concessivos e esquemas adversativos.
2. Correlação tempo-modo nas adverbiais concessivas.
3. Colocação das concessivas em relação à sentença núcleo.

Leituras suplementares: Eduardo Guimarães - Algumas considerações sobre a conjunção *embora*. *Estudos* 7: 86-94, 1981. Maria Helena Moura Neves – As construções concessivas. Em Neves (Org. 2000, pp. 545-591).

28 - Sentenças correlatas consecutivas e comparativas

Introdução: gramaticalização das correlatas consecutivas e comparativas. Correlação como um processo de relacionamento sintático e suas relações com a subordinação.

1. Correlatas consecutivas.
2. Correlatas comparativas.

Leituras suplementares: José de Oiticica (1959). *Teoria da Correlação*. Rio de Janeiro: Simões. Marcelo Módolo (1999). Correlação: estruturalismo versus funcionalismo. Em: *(Pré)publications.Forskning og Undervisning* 168 (februar 1999): 35-42 [Romansk Institut/Aarhus Universitet]. Marcelo Módolo (2004). *Gramaticalização e discursivização das conjunções correlativas no português*. São Paulo: FFLCH / USP, tese de doutoramento.